

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

84

DM

**UM SÉCULO DE CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DO
TEATRO NA CIDADE DO NATAL: 1840-1940**

ÂNGELA MARIA DE CARVALHO MELO

NATAL, 1999

ÂNGELA MARIA DE CARVALHO MELO

**UM SÉCULO DE CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DO
TEATRO NA CIDADE DO NATAL: 1840-1940**

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa
História II, ministrada pela Professora Dr^a Denise
Mattos Monteiro, do Curso de História da Universidade
Federal do Grande Norte, sob a Orientação do
Professor Francisco Fernandes Marinho.

NATAL, 1999

AGRADECIMENTOS

A Deus que, em sua infinita generosidade e bondade, tanto tem me ensinado.

A meus pais, Moisés e Neves, e meu irmão, João, ao meu esposo, Célio, a meus filhos, Adriano e Arryson pela paciência que tiveram comigo.

Aos Professores do Curso de História que, de alguma maneira, contribuíram para a conclusão deste trabalho, especialmente, ao meu orientador Francisco Fernandes Marinho.

A todos os meus colegas pelo incentivo e grata amizade.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	02
2 - ANTECEDENTES HISTÓRICOS E OS TEATROS NA CIDADE DO NATAL.....	04
2.1 - Antecedentes Históricos	04
2.2 - Os Teatros na Cidade do Natal	04
2.2.1 - As Casas de Teatro ou Barracões de Palha	04
2.2.2 - Teatros improvisados e alugados	05
2.2.3 - Teatro Campal	06
2.2.4 - O Teatro "Santa Cruz"	08
2.2.5 - O Teatro "Recreio Natalense"	10
2.2.6 - O Teatro "Vôo Dramático"	10
2.2.7 - As Casas de Espetáculo da Rua Chile	10
2.2.8 - O Teatro "Carlos Gomes"	11
2.2.8.1 - O Período da Construção e a Inauguração	11
2.2.8.2 - A Primeira Fase - 1904/1912	12
2.2.8.3 - Segunda Fase - 1912/1940	14
3 - COMPANHIAS, SOCIEDADES, GRUPOS TEATRAIS E AS PRIMEIRAS ATRIZES NORTE-RIO-GRANDENSES	20
3.1 - As Companhias Teatrais	20
3.2 - As Sociedades Teatrais	21
3.2.1 - Sociedade de Teatro Natalense	21
3.2.2 - Sociedade Recreativa Juvenil	21
3.2.3 - Sociedade Teatral Apolo Rio Grandense	22
3.2.4 - Sociedade Teatral Tália Natalense	23
3.2.5 - Sociedade Dramática Natalense	23
3.2.6 - Sociedade Recreio Juvenil Dramático	24
3.2.7 - Ginásio Dramático	24

3.2.8 - Sociedade Dramática "Henrique Castriciano"	25
3.2.9 - Sociedade Grêmio Dramático	25
3.3 - Grupos Teatrais	25
3.3.1 - O Grupo de Joaquim Fagundes	25
3.4 - As Primeiras Atrizes Norte-rio-grandenses	27
3.4.1 - Maria Epifânia de Oliveira	27
3.4.2 - Honória Reis	28
4 - A DRAMATURGIA NORTE-RIO-GRANDENSE	29
4.1 - Os Autores	29
4.1.1 - Luís Carlos Lins Wanderley	29
4.1.2 - Isabel Urbana de Albuquerque Gondim	29
4.1.3 - Joaquim Fagundes	30
4.1.4 - Manuel Segundo Wanderley	30
4.1.5 - Antônio José de Melo e Souza	31
4.1.6 - Ezequiel Lins Wanderley	32
4.1.7 - Henrique Castriciano de Sousa	33
4.1.8 - Maria Carolina Wanderley Caldas	33
4.1.9 - Manoel Virgílio Ferreira Itajubá	33
4.1.10 - Sebastião Fernandes de Oliveira	34
4.1.11 - Deolindo Ferreira Souto dos Santos Lima	34
4.1.12 - Francisco Ivo Cavalcanti	34
4.1.13 - Virgílio Galvão Bezerra da Trindade	35
4.1.14 - Nestor dos Santos Lima	36
4.1.15 - Jorge Fernandes de Oliveira	36
4.1.16 - José Rodrigues Filho	37
4.1.17 - Ponciano de Moraes Barbosa	37
4.1.18 - Maria Carolina Wanderley	38
4.1.19 - Stela Wanderley Benevides	39
4.1.20 - Sandoval Carlos Wanderley	39
4.1.21 - Palmira Wanderley	40
4.1.22 - Paulo Herôncio de Melo	40
4.1.23 - Santa de Brito Guerra	41

1 - INTRODUÇÃO

A História do Teatro no Rio Grande do Norte, e em particular na Cidade do Natal, além de ressentir das mesmas circunstâncias da Literatura, ainda não mereceu um estudo criterioso, rigoroso, completo. O passado do nosso Teatro ainda não tem o seu historiador, apenas três autores registraram as suas impressões com relação ao movimento teatral na Capital do Estado.

Historicamente, o primeiro autor a preocupar-se com o levantamento de informações, mesmo assistemáticas, foi o escritor Luís da Câmara Cascudo, tanto nas Actas Diurnas quanto em um Capítulo na História da Cidade do Natal. No Prefácio intitulado "Vida de um Teatro", afirma que o Teatro, em Natal *"foi assunto de minha simpatia pesquisadora em teimosas e pacientes reportagens entre jornais antigos e memórias em reticências."*¹

Nem sempre os jornais mais antigos são de fácil acesso e muitas das figuras da nossa Província não deixaram registro de suas atividades intelectuais.

Câmara Cascudo, ainda conseguir ter acesso a documentos e a algumas dessas pessoas que contribuíram para a História do Teatro em Natal, como Maria Epifânia de Oliveira, em suas confissões, tão lembrada em crônicas e reportagens, por ser a primeira mulher da ribalta, a mais antiga atriz da Cidade, veterana dos palcos amadores na primeira metade do século XIX, além de ter convivido com os amadores e profissionais do Teatro Norte-rio-grandense e visitantes ocasionais, que, no começo deste século, aportavam em Natal, mas que apenas as reminiscências de seus nomes, a produção teatral e dados sobre encenações "pirilampejam" nos noticiários.

Meira Pires, ao escrever a História do Teatro Alberto Maranhão, ou melhor, *"de fazer algo parecido com um calendário do seu dia-a-dia, a partir da sua inauguração"*, fez uma compilação, através dos jornais e outras fontes, não apenas do período de "24.03.1904 a 05.03.2952" a partir da inauguração da Casa das Artes, no Governo Alberto Maranhão, mas retroagindo ao ano de 1898, início da edificação do Teatro "Carlos Gomes", na campina da Ribeira, do registro das atividades artísticas realizadas no Teatro.

¹ CASCUDO, Câmara. Prefácio. In: História do Teatro Alberto Maranhão.

A terceira obra, a "Dramaturgia da Cidade dos Reis Magos", da professora Sônia Maria de Oliveira Othon, apesar de ser considerada um trabalho sistematizado, apresenta lacunas, senões, e em sua grande parte, quase todas as informações relatadas por Câmara Cascudo, em História da Cidade do Natal e reunião de informações esparsas. Afirma Veríssimo de Melo que "*partindo praticamente da estaca zero, não foi fácil à autora reunir tantas informações esparsas concernentes à nossa vida teatral. As fontes são escassas e raras. Todavia, elaborou trabalho sistematizado, de valiosa utilidade aos estudiosos dessa área cultural.*"²

O objetivo do nosso trabalho não é o de escrever mais uma "História" do Teatro, mas, à nossa maneira, ordenar informações que possam contribuir, para uma melhor compreensão das atividades teatrais ocorridas na Cidade do Natal, intituladas "Um século de contribuições para a História do Teatro na Cidade do Natal: 1840-1940", haja vista o volume de lacunas, de senões, de informações pouco confiáveis, incompletas, de alguns dos nossos historiadores e dos poucos escritores que se preocuparam em registrar, no século passado, os fatos ocorridos no início das atividades teatrais no Rio Grande do Norte.

O recorte temporal da nossa pesquisa abrange os primeiros cem anos do movimento teatral, a partir da construção dos teatros ou barracões de palhas e de formações dos grupos amadorísticos, em 1840, passando pela construção do Teatro "Carlos Gomes", atualmente, "Alberto Maranhão", até 1940, por entendermos que neste período foram definidas tanto as características fundamentais para a vida teatral, quanto a formação e a consolidação da nossa dramaturgia.

Dividida em três capítulos básicos, a nossa abordagem tenta situar-se, inicialmente, no surgimento dos Teatros dentro do processo de desenvolvimento cultural da Cidade do Natal. No segundo momento, tentaremos ordenar as companhias, as sociedades, os grupos teatrais e as primeiras atrizes norte-rio-grandenses e no terceiro e último, tratamos da Dramaturgia ou Literatura Dramática.

² MELO, Veríssimo. Sônia Othon revive nosso teatro. Natal: Tribuna do Norte, Domingo, 07.04.1996.

2 - ANTECEDENTES HISTÓRICOS E OS TEATROS NA CIDADE DO NATAL

2.1 - Antecedentes Históricos

A História das Artes Cênicas na Cidade do Natal apresenta uma grande lacuna, sobretudo, até início do século XIX. Mas, já neste período, encontramos duas informações importantes sobre os antecedentes da História teatral na Cidade do Natal, principalmente, com relação à representação de comédia. Informa Câmara Cascudo que Henry Koster, por volta de 1810, quando de sua passagem pelo Rio Grande do Norte, com destino ao Ceará, escreveu "*common amusement at festivals, which is known under the name of comedias*"³ e a segunda informação, se refere a "*uma postura municipal de 1830 obrigava ao pagamento de licença, trezentos e vinte réis, cada espetáculo de comédia*"⁴, como também afirma que não há documento para evocar o século XVIII e as alusões mais antigas encontram-se "*ao derredor de 1840*", mas

*com paciência no convívio das traças prateadas, revirando arquivos, lendo cartas particulares, descobrindo livros amarelos, ouvindo confidências, é possível reconstruir as primeiras fases do teatro na Cidade do Natal*⁵.

2.2 - Os Teatros na Cidade do Natal

2.2.1 - As Casas de Teatro ou Barracões de Palha

Das três primeiras casas de teatro fundadas na Cidade do Natal, "*a mais antiga é um barracão de palha na atual praça Gonçalves Lêdo*"⁶, antiga Praça do Rosário. Na década de 40, precisamente, em 15 de setembro de 1841, esta casa de teatro, construída de palhas, já alegrava aos natalenses, como uma "*distração proveitosa*", de acordo com a visão de Matias Carlos de Vasconcelos Monteiro, Presidente da Sociedade de Teatro Natalense, proprietária do Barracão, em Petição à Assembléia Legislativa, reclamando que o "*gênio da perversidade e malvadeza deitou fogo ao edifício e foram pelas chamas devoradas todas as benfeitorias, perdendo a Sociedade para cima de 800\$000 réis e*

³ CASCUDO. História da Cidade do Natal, p. 202.

⁴ Ibid., p. 202.

⁵ Ibid., p. 195.

oferecendo aos olhos do observador sensível os estragos que ainda mostram as suas ruínas”⁷ e, ao mesmo tempo, solicitava da Assembléia Legislativa a importância de “800\$000 para reedificar o teatro, sugerindo que o Governo lançasse mão de 291\$500 que era saldo da Sociedade Promotora da Civilização e Bem Público, entidade que morrera prehe dos benefícios que pretendia promover, e completasse a soma com dinheiro dos cofres públicos.”⁸

Apesar de Matias afirmar, na Petição, que a Sociedade possuía cenário com todo aquele mecanismo correspondente ao trabalho e que várias récitas tinham sido dadas e os lucros aplicados na conservação da casa, tapando-a com palhas, os deputados José da Costa Pereira e Antônio José de Moura, integrantes da Comissão da Fazenda, na Assembléia, deram parecer contrário à Petição.

Por falta de documentação, informação Câmara Cascudo, “ignora-se nome dos amadores, repertório, sucessos” e que a atitude do Presidente da Sociedade “é a mais antiga demonstração de amadorismo teatral entre nós”⁹

Em 1841, foi construído, no mesmo local do primeiro teatro de palhas, um outro teatro, a segunda Casa de Teatro, que queimou-se completamente numa noite do ano de 1853.

No mesmo local dos anteriores, “em 1865-1866 existiu o terceiro teatro de palha”¹⁰, na antiga Praça do Rosário, atualmente Gonçalves Lêdo, que teve o mesmo destino dos dois teatros anteriores.

2.2.2 - Teatros improvisados e alugados

Após o incêndio do Barracão de palhas, da Sociedade de Teatro Natalense, “os grupos de amadores representavam em teatrinhos improvisados no beco Novo, rua do Fogo, rua da Palha, rua Nova, praça da Alegria”¹¹ e que durante “muitos anos se passaram com as funções teatrais de amadores e os raros conjuntos profissionais que se

⁶ Ibid., p. 195.

⁷ Ibid., p. 195.

⁸ Ibid., p. 195.

⁹ Ibid., p. 196.

¹⁰ Ibid., p. 197.

¹¹ Ibid., p. 196.

aventuraram a ficar uns dias no Natal, trabalhando em casas alugadas, com um esforço adaptacional de incrível obstinação"¹²

Mas, em 1860, os deputados da Assembléia Legislativa Provincial, da Décima Terceira Legislatura (1860-1861), em sessão do dia 24 de fevereiro, apresentaram "*um projeto autorizando ao Presidente da Provincia a despender a quantia de 4.000\$, com a construção de um teatro no lugar conveniente desta Capital*"¹³. Assinaram o Projeto os deputados Luís Bezerra Augusto Trindade, Manuel Ferreira Nobre Júnior, padre Francisco Justino Pereira de Brito, José Moreira Brandão Castelo Branco, Miguel Joaquim de Almeida Castro, Otaviano Cabral Raposo da Câmara, padre Tomás Pereira de Araújo, padre Francisco de Paula Soares da Câmara e Luís Carlos Lins Wanderlei. O Projeto apesar de ter sido aprovado em primeira discussão, desapareceu na Assembléia, "*reaparecendo em março de 1862, dois anos depois, com parecer da Comissão da Fazenda contrário, alegando 'atualidade crítica', embora o projeto não seja destituído de alguma utilidade...*"¹⁴

2.2.3 - Teatro Campal

A primeira notícia de teatro campal no Estado do Rio Grande do Norte, é de 1858, com atores da terra e uma figura feminina que, talvez, tenha sido a primeira mulher a pisar nos palcos em meados do século XIX. Afirma Câmara Cascudo que

*em 1858, um grupo de amadores lera, não se sabe como, uma peça teatral que estava fazendo sucesso. Chamava-se "Camila no subterrâneo ou os salteadores do Montenegro". A peça é de Camilo Frederici e fora traduzida para o português por Antônio Ricardo Carneiro, em 1833. No mesmo ano 1858 levaram o drama em Natal. Os atores eram Lourival Açucena, Manuel Onofre de Andrade, João Manuel de Carvalho e outros. E Maria Epifânia, que ainda conheci velhinha, acompanhando os "ensaios" dos dramas de Ivo Filho no "Ginásio Dramático"*¹⁵.

Se antes de 1858 houve várias representações pelos amadores, eram sempre realizadas dentro de casa, à luz de lampiões. Em virtude da inexistência de Casas de

¹² Ibid., p. 196.

¹³ Ibid., pp. 196/197.

¹⁴ Ibid., p. 197.

¹⁵ Id., Um Teatro campal em dezembro de 1868. Acta Diurna. Natal: A República, 29.11.1939.

Teatro, por causa do incêndio ocorrido em 1853, esse grupo entendeu que era possível realizar apresentações ao ar livre.

Em 1868, escolheram a peça, o melodrama **Camila no subterrâneo ou os salteadores do Montenegro**, que já tinha sido apresentada em 1858 pelo grupo de amadores. Feita a distribuição dos papéis, ninguém faltava aos ensaios. O local preferido foi o sítio do Padre Memeuzinho, Padre Bartolomeu Fagundes de Vasconcelos, localizado no Barro Vermelho. O elenco era formado por Joaquim Lourival Soares da Câmara, o Panqueca, Emídio Marcolino, José Macabeu de Vasconcelos, Luís de França Guaju, Secundino Câmara, Antônio Clímaco, Antônio Calixto, etc. Como o grupo era formado apenas por rapazes, o papel de Camila causou um grande desespero, por não encontrarem uma moça que tivesse coragem de subir, como afirma Câmara Cascudo, "*as tábuas sagradas do prosênio*". Na peça existiam uns versinhos, musicados por Lourival Açucena, que eram cantando por Camila. Apenas o jovem Pedro Lourival, filho do Açucena aceitou, heroicamente, encarnar a vítima, mas como Pedro não tinha voz e nem queria cantar os versos, acertou-se que Maria Epifânia, oculta nos bastidores, cantaria e Pedro fingindo, dublava:

*Oh! quão triste é meu fado,
Nasci para a desventura;
Existir já eu não posso
Nesta horrível sepultura.
Lidório, caro Lidório,
Tirai-me desta clausura
Que existir, eu já não posso
Nesta horrível sepultura.
Vem Rosmano, impio Rosmano,
Exercer tua bravura
Contra mim, ergue o punhal
Nesta horrível sepultura¹⁶*

A apresentação realizou-se na noite de 25 de dezembro de 1868, que pareceu esplêndida.

¹⁶ Id., *Histórias que o tempo leva ...*, pp. 199/200.

O sítio do Padre Memeuzinho encheu-se de cadeiras, bancos e tamboretos. Ergueram um palco. Espalharam lâmpadas de querosene, amarradas às árvores. O mundo oficial, sisudo e pausado, compareceu. O Presidente Manuel José Marinho da Cunha já estava beirando o palco antes da hora. Dr. Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa, Chefe de Polícia não perdeu. O povo aglomerava-se, enchendo-se de rumor e vida ao arrabalde triste. O espetáculo começou às oito e meia. Minutos antes descobriram que não havia música. Bate daqui, bate da colá, José Macabeu de Vasconcelos lembrou-se que tinha um realejo-de-corda. Correu para casa e trouxe o instrumento. Deu-lhe corda e o realejo espalhou as doces melodias serenas na noite tropical e divina¹⁷

Afirma Câmara Cascudo que o Capitão reformado Joaquim Francisco de Oliveira Relâmpago declarou no "Liberal do Norte" (1868-1872), que os considerava necessários à terra com a sua alegria, para a conservação do prazer entre os natalenses e que o Dr. Manoel Quintiliano da Silva, não querendo fugir aos ditames da velha cortesia romântica, saudou Joaquim Lourival com uma poesia donde destaco estes versos:

*Artista, o vosso futuro
Vejo brilhar no horizonte
Um laurel tendes seguro
Para coroar vossa fonte¹⁸*

2.2.4 - O Teatro "Santa Cruz"

A Lei nº 678, de 06.08.1873, deu a João Crisóstomo de Oliveira, o privilégio de construir um teatro, cujas obras tiveram início dentro de dois anos. Como em 1877 o teatro ainda não estava pronto, Crisóstomo conseguiu prorrogação por mais cinco anos, através da Lei nº 820, de 11.12.1878. O Teatro Santa Cruz, já estava construído, inaugurado e funcionando, em 1880. Era o orgulho da Cidade do Natal, o melhor prédio particular, sede artística, a "*residência das filhas de Mnemosine*"¹⁹, na expressão do poeta Lourival Açucena. Uma construção com quatro portas que se abriam para a Travessa Visconde Inhomirim, atualmente João Pessoa,

¹⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. Um Teatro campal em dezembro de 1868. Acta Diurna. Natal: A República, 29.11.1939

¹⁸ CASCUDO: Op. cit., p. 204.

¹⁹ Cf. CASCUDO. História da Cidade do Natal, 198.

*dando para um amplo saguão, de onde subiam duas escadas laterais, levando para um pequeno sótão que iniciava a fila dos camarotes, à direita e esquerda. No térreo, corriam as cadeiras e o palco estava no fundo, tomando toda parte posterior. As janelas refrescavam, com tacaniças, escondendo o auditório dos olhares da rua. Do hall para o salão havia portas em ogivas, cerradas com reposteiros, à hora de iniciar-se a função e as lâmpadas davam um clarão amarelo de oiro velho*²⁰

O plano de Crisóstomo denunciava uma mentalidade superior para a Cidade do Natal, e foi nele que, *"durante quase quinze anos, a vida intelectual da Cidade se fixou (...). Ai as conferências políticas, as propagandas sociais, os discursos do movimento abolicionista, as representações teatrais das companhias e a dos amadores, a divulgação republicana, tiveram seu palco."*²¹ Por Natal da época, eram raras as companhias teatrais, os amadores obtinham gratuidade e nenhum lucro compensava as despesas para manutenção de uma casa de espetáculo que, por sua dimensão, *"significava antes uma dádiva à população inteira, oferenda aos manés literários"*²². O Teatro Santa Cruz, também

*reune todas as demonstrações literárias da terra. Com a Abolição, aí se funda a Libertadora Natalense. Com a República, aí discursam os tribunos, Olinto Meira, Braz de Melo, Nascimento Castro, Augusto Severo, Pedro Velho. Nas cisões políticas, aí acampam os oposicionistas com o Clube Republicano 15 de novembro. Ali a Companhia de José de Lima Penante recebeu aplausos e deixou saudades...*²³

Por ter João Crisóstomo construído o teatro com uma intuição de solidarismo, não explorando-o como um meio regular de vida e com instinto de bem coletivo, *"quando fizeram a história do pequenino surto teatral no Rio Grande do Norte, no cimo do frontão, escreveram o nome de João Crisóstomo de Oliveira, exemplo sem igualha, atitude sem réplica, apóstolo sem discípulo, no auxílio à cultura ambiental tão diferente dos nossos patrícios ricos atuais!"*²⁴

²⁰ Ibid., p. 199.

²¹ Ibid., p. 197.

²² Ibid., p. 198.

²³ Ibid., p. 199.

²⁴ Ibid., p. 198.

4.1.24 - José Wanderley	41
4.1.25 - Afonso Ligório Bezerra	42
4.1.26 - Francisca Nolasco Fernandes	43
4.1.27 - Filgueira Filho	43
4.1.28 - Geraldo Fernandes de Oliveira	43
4.1.29 - Joaquim Cipião de Albuquerque Maranhão	43
4.2 - Comentários sobre algumas peças da Dramaturgia Natalense	44
5 - CONCLUSÃO	52
6 - BIBLIOGRAFIA	54

ANEXOS

Com a morte de João Crisóstomo, passou o teatro a pertencer ao seu filho, José Domingues de Oliveira que fez construir um parque ao lado, cercado-o de gradil de ferro, e, posteriormente, vendendo o prédio a Teodósio Paiva.

O Santa Cruz cumpriu o mesmo destino de tantos outros Teatros da Cidade do Natal, *“às sete e meia da manhã de 17 de abril de 1894 toda a cobertura do Teatro Santa Cruz desabou, num estampido de morte. Morrera o teatro tradicional e querido”*²⁵

2.2.5 - O Teatro “Recreio Natalense”

Sobre o Teatro “Recreio Natalense” encontramos apenas as informações de que foi dirigido por Pedro Celestino Barbosa Tinoco, localizava-se na Cidade Alta e que deu um espetáculo em 09 de abril de 1877.

2.2.6 - O Teatro “Vôo Dramático”

O Vôo Dramático, localizado na Ribeira, era um teatro particular, *“mantido por uma sociedade composta de negociantes e moços de boa roda”*²⁶

2.2.7 - As Casas de Espetáculo da Rua Chile

A vida teatral no bairro da Ribeira, inicia-se com o processo de improvisação. Os armazéns comerciais na rua do Comércio, atual rua Chile *“eram promovidos a casa de espetáculos pela amplitude de áreas internas de acomodação”*²⁷. Eram espaços simples, para a satisfação imediata. A disposição interior era composta por *“filas de cadeiras, palco provisório, pano duma cor”*²⁸. Mas, tanto por força das circunstâncias quanto por dedicação à arte dramática,

as sociedades amadoristas, obstinadas na devoção desinteressada, viviam nesses armazéns-teatros, antes, durante e depois do Santa Cruz, situado na Cidade Alta, horas intensas de vibração sentimental.” Também passaram por esses armazéns-teatros diversas companhias, como a Companhia de Ferreira da Silva, que “deixou reminiscências e saudades”, “transformistas,

²⁵ Ibid., p. 199.

²⁶ NOBRE. Breve Notícia sobre a Província do Rio Grande do Norte, p. 36.

²⁷ CASCUDO. Op. cit., p. 200.

²⁸ Ibid., p. 200.

*prestidigitadores, chamados popularmente mágicos, cantoras desgarradas, grupinhos de artistas, casal de cançonetistas exaustos*²⁹

Com relação a autores norte-rio-grandenses, na noite de 10 de julho de 1900, encenou-se o drama "O enjeitado", da autoria de Henrique Castriciano e, em 19 de agosto, "os natalenses aplaudiram um dos dramas mais populares e típicos de Segundo Wanderley"³⁰, intitulado "Amor e Ciúme".

2.2.8 - O Teatro "Carlos Gomes"

2.2.8.1 - O Período da Construção e a Inauguração

Em 1898, na campina da Ribeira, no Governo de Ferreira Chaves, teve início a construção do Teatro "Carlos Gomes", com planta arquitetural do engenheiro José de Barredo, tipo chalê, bem à moda, com: "18m, 30 de largura e 78m, 60 de extensão, três portas de entrada, jardim interno, botequim, toaleta, camarotes, frisas, palco, salão para cenografia, etc.",³¹ sob a orientação do major Teodósio Paiva.

O edifício, na parte interna, além de todas as dependências necessárias a uma casa de espetáculos, contava ainda com magnífico jardim, circundado de varandas, com 20 metros de comprimentos e 11m10 de largura. A sala de espetáculo media 13m50 de extensão por 11m10 de largura, isto sem falar nos espaços reservados aos camarotes. O palco, media 14m50 de extensão por 18m50 de largura. Existia também, numa dependência assobradada, por trás da caixa, um grande Salão para ensaios com 16m90 por 12m30 e, sob o Salão, sete camarins no pavimento térreo, cada um com 6m30 por 2m75.

No Auditório, além das galerias laterais, uma única ordem de camarotes, com 11 de cada lado, sendo 5 em frente ao palco e mais 6 camarotes de segunda ordem. No tablado, que separava os camarotes das galerias correspondente a cada coluna, escudos decorativos, cercados de louros, com os nomes de Calderon, Shakespeare, Manzoni, Victor Hugo, Goethe, Alencar, Garret, Wagner, Massenet, Verdi, F. von Suppé e Bach. A boca do palco, com 8m30 de largura era formada por um enorme arco, em cujas pilastras grandes do

²⁹ Ibid., p. 200.

³⁰ Ibid., p. 200.

³¹ Ibid., p. 200.

proscênio, que sustentavam o arco, via-se o retrato do Maestro Carlos Gomes e ao centro tinha, nas impostas, sobre o capitel, coroas de louros representando o Drama e a Ópera e para encimar a fachada principal veio de Paris uma cópia da famosa estátua, a "Arte", de Mathurin Moreau.

Para as festividades organizadas por Alberto Maranhão, na inauguração da Casa das Artes, ocorrida na noite da Quinta-feira, 24 de março de 1904, Herculano Ramos (1854-1928), mineiro, pintor, desenhista, cenógrafo, arquiteto, chegando em Natal no ano de 1904, foi encarregado da decoração do Teatro, sendo as pinturas, a cenografia e as decorações executadas pelo artista Sam Jey, tendo como auxiliares Teixeira da Cunha e Lustosa. A iluminação, de gás acetileno, foi feita pelos operários da Usina Ilha do Maranhão, sob a inteligente direção do Domingos de Barros.

A execução do programa ficou a cargo da Orquestra do Teatro e da Banda de Música do Batalhão de Segurança. Na Segunda parte da programação foi representada a peça teatral infantil em um ato e em versos, "A Promessa", da autoria de Henrique Castriciano, sob a direção do Dr. Segundo Wanderley e da Madame Celestino Wanderley. Continuando a festa da inauguração, Deolindo Lima recitou um monólogo de Arthur Azevedo. A orquestra do Teatro, dirigida por Luigi Maria Smido, tocou breve programa e acompanhou o barítono Comoletti que cantou a canção do aventureiro do "Guarani" de Carlos Gomes e a ária do Figaro, no "Barbeiro de Sevilha", de Rossini.

2.2.8.2 - A Primeira Fase - 1904/1912

A partir desse momento as atividades teatrais concentravam-se, com intensidade artística, no "Carlos Gomes", apesar de não ter sido ocupado pelos amadores. As Sociedades existentes em Natal, representavam em teatrinhos improvisados. Um dos fatos mais marcantes na Dramaturgia Norte-rio-grandense, ocorreu no dia 15 de fevereiro de 1906, quando a Companhia Dramática Cardozo da Motta, resolveu representar o drama "Amor e Ciúme", um dos mais apreciados e bem escritos trabalhos de Segundo Wanderley, com a talentosa Clementina dos Santos, no papel de Ester e os senhores Couto e Gonçalves nas partes do Dr. Oscar e Renato, respectivamente. Em 15 de agosto de 1907, ocorreu um dos maiores acontecimentos da época: a encenação da primeira revista teatral de costumes locais, "Natal em camisa", de Segundo Wanderley, com músicas de José Borrajo, pela Companhia Germano Alves, onde Apolônia Pinto era a primeira atriz, com músicas da autoria do professor J. B. Borrajo e o cenário projetado e modelado por

Herculano Ramos que, espontaneamente colocou-se à disposição e serviço do espetáculo, "arranjando" lindos panoramas dos mais belos recantos da cidade.

O jornal A República, do dia 10 de agosto de 1907, publicou uma nota, talvez da autoria do Dr. Manoel Dantas, falando sobre o enredo da peça:

Falta-nos espaço para como desejamos dar uma notícia detalha e desenvolvida sobre o enredo da peça. Os que nos acusarem desta falta procurem orientar-se indo ao 'Carlos Gomes' nas muitas representações com que a Empresa preparará o próximo jubileu da interessante revista que já hoje podemos dizer, entrou nos hábitos da terra.³²

Em 30 de agosto de 1907, Apolônia Pinto, prestando significativa homenagem ao dramaturgo Segundo Wanderley, voltou a encenar a revista "Natal em Camisa".

Em outubro de 1910, o Governador Alberto Maranhão, o mecenas potiguar, determinou a Herculano Ramos, que permaneceu em Natal até 1914, para a reconstrução do Teatro Carlos Gomes. Com essa decisão, "*nasceu outro teatro, amplo, confortável, arejado, moderno. A fachada ganhou um andar, para o salão de honra, o clássico foyer dos teatros franceses. No cimo do edificio, a "Arte" de Mathurin Moreau preside a fachada, de cinco portas, com ferros artísticos*"³³.

O novo projeto, em estilo Art Nouveau, compreendia quatro partes distintas: a frente, o jardim, a sala de espetáculos e a "caixa" que seria construída sem nada ser aproveitado da existente, com vigamento de ferro na altura de 14m, até o urdimento, facilitando, assim, todas as manobras, tanto as superiores quanto as inferiores, onde seria feito um vasto porão estanque provido de vigias para a passagem do ar. Na sala de espetáculos, seria substituído todo o vigamento de madeira por outro de ferro, incluindo-se colunas artísticas e divididas em três ordens: na primeira, as frisas; na segunda, os camarotes; na terceira, as gerais. Em frente ao palco uma galeria nobre com acesso independente, assim como as gerais, cuja passagem deveria ser feita por escadas de ferro nos cantos do jardim. Os camarotes ficariam dispostos em curva contínua, colocando-se as colunas de ferro no intermédio das divisões de cada um, fechados e independentemente. No teto, ligeiramente abobadado e forrado de madeira, uma grande rosácea central, destinada à tiragem do ar correspondente à lanterna sobre o telhado.

³² PIRES, Meira. História do Teatro Alberto Maranhão, p. 60

³³ CASCUDO, Op. cit., p. 201.

Toda a sala de espetáculos e o pavimento das frisas seriam revestidos de mosaicos finos e no centro do jardim central um grande candelabro artístico servindo, ao mesmo tempo, de fonte com torneiras. A parte da frente do Teatro contaria com dois pavimentos. No térreo, um grande vestíbulo, a secretaria, bilheteria, lavabo, botequim e a toilette para senhoras, forrados de madeira e revestidos de mosaicos adquiridos na Bélgica. No primeiro andar, o Salão Nobre (Foyer), abrangendo toda a largura do edifício forrado com metal estampado, com rosáceas decorativas, igualmente com as paredes em comunicação com as varandas, por meio de escadarias especiais de pedra artificial.

A fachada, representando um estilo moderno, exibiria um corpo central de dois pavilhões com cinco portões de ferro, mantidos por pilastras de concreto modelado. Os portões e as decorações simbólicas, sob a supervisão de Nicolino Milano, foram, artisticamente, fundidos em Paris, pela Fonderies Du Val D'osne. A encomenda foi entregue ao Governador do Estado, em princípios de outubro de 1911. A decoração simbólica seria composta por grandes medalhões, as "Máscaras" da Arte de representar: o drama e a comédia. Sobre o pórtico, a Ópera, com as iniciais C.G. (Carlos Gomes); no tímpano, a Música e no vértice do frontão, como síntese, A ARTE, representada pela escultura de Mathurin Moreau, com réplicas em Paris e em Bruxelas.

Os trabalhos prolongaram-se por todo o ano de 1911 e até metade de 1912. No dia 16 de junho, o arquiteto Herculano Ramos, fez a entrega do teatro ao Governador Alberto Maranhão, o Mecenaz Potiguar, e a 19 de julho a Gran-Campaña Española de Zarzuela, Opera y Opereta Plabo López fez a inauguração com a opereta "Princesa dos dólares", de Leo Fall³⁴, e a Orquestra do Teatro executou a Sinfonia de O Guarany, de Carlos Gomes, com a participação do Governador Alberto Maranhão.

2.2.8.3 - Segunda Fase - 1912/1940

No ano de 1912 não encontramos referências sobre representações teatrais de autores norte-rio-grandenses apenas em 16 de novembro de 1913, o Ginásio Dramático estréia encenando a comédia "Sônia", da autoria do Professor Ivo Filho.

No ano de 1914, no dia 7 de setembro, o Ginásio dramático encenou a comédia, em um ato, "Esses primos...", original de Ivo Filho, no dia 22 de novembro, apresentou a revista "Anti-Cristo" e no dia 25 reapresentou "Esses primos...", em festa artística dos atores portugueses Augusto Soldá e Augusto Peres. No dia 30, encerrando a temporada do

³⁴ Cf. CASCUDO, Op. cit., p. 201.

ano, foi levada à cena, em benefício do ator Manoel Mattos, pela terceira e última vez, a revista "Anti-Cristo".

No dia 13 de março de 1915, o Ginásio Dramático encenou a comédia "O Motivo", da autoria do Professor Ivo Filho e no dia 14 de abril, representou a revista em três atos "Papa Jerimum", da autoria de Ezequiel Wanderley, destacando-se os quadros "Gonga", "Dr. Ferraz" e "O Breu", reprisada no dia 21, em homenagem ao Dr. Sebastião Fernandes. No dia 24, a Sociedade Dramática "Henrique Castriciano" estreou as comédias "A Pulga", da autoria de Segundo Wanderley e "Jappe-Culotte", em um ato, de Jorge Fernandes.

No dia 6 de junho os atores Manoel Mattos e o Professor Armando Lameira realizaram a festa artística apresentando a peça "Pelas Grades...", de Jorge Fernandes; em julho, o Ginásio Dramático reprisou "Céu Aberto", de Jorge Fernandes, Ezequiel Wanderley e Virgílio Trindade, com as partes mais difíceis confiadas a Deolindo Lima e a Agenor Melo e destacando-se também João Estevam e Maria das Neves, sendo reprisada nos dias 18 e 26 com o mesmo sucesso da estréia. No dia 15 de agosto, o Ginásio volta ao palco com um espetáculo dividido em três partes: a peça "O Sonho", de Ponciano Barbosa, pelos amadores Aristóteles Costa e João Estevam, a revista "O Ginásio por Dentro", de Virgílio Trindade e "O Flagelo", alta-comédia enxertada de números de música pelos professores Joaquim Cipião e Lameira, da autoria de Ivo Filho. Este espetáculo foi reprisado no dia 16, em festa artística das velhas atrizes Maria Epifânia e Honória Reis.

No ano de 1916, em 26 de fevereiro, estreou a revista de costumes locais "Canela de Ferro", com texto e música do Professor Joaquim Cipião, interpretando o papel principal o ator Amaro Andrade; em março, no dia 30, ocorreu a récita mensal do Ginásio, com "A Mentira", "Avacalhado" e no "Reino das Fitas", originais de Jorge Fernandes, Virgílio Trindade e Deolindo Lima. O jornal A República, de 1º de abril, além de citar os títulos e os autores, fez o seguinte comentário: "A Mentira", é um ato dramático que se passa com uma filha que foge com seu amante contra vontade dos pais. "Avacalhado", é uma comédia que se trata de um velho que vem pedir a mão da filha de um velho amigo para um jovem político. "Reino das Fitas", é uma revista sem originalidade mas que faz rir e é o quanto basta para a satisfação de quem escreve revistas.

A partir do mês de maio, a produção teatral na Cidade do Natal, melhorou progressivamente. Logo no dia 3, foi apresentado "O Degenêrãdo", drama em três atos, do Professor Ivo Filho, pelo Ginásio Dramático, em comemoração ao 4º aniversário de sua

fundação, por Júlio Galvão, Deolindo Lima, Amaro Andrade, Pretextato Bezerra, Calazans Carneiro, Abelardo Bezerra, Sandoval Wanderley e Regina Costa.

No encerramento da temporada em Natal, a Companhia Lucília Peres e Leopoldo Frões, levou à cena, no dia 30 de maio, o episódio trágico dramático "Mortalha de Rosas", de Ezequiel Wanderley, inspirado no conto de Júlia de Almeida. No dia 13 de agosto, o Ginásio Dramático realizou a sua décima terceira récita ordinária encenando as peças "Avacalhado", "Arsênio", "Potoca", e "Em Apuros...", originais de Virgílio Trindade, Jorge Fernandes e Ivo Ilho; em outubro, no dia 8, foram apresentadas as peças "Sopa no Mel", "Em Apuros...", "Um Chá Complicado", de Ivo Filho, pelo ginásio Dramático, em homenagem ao Náutico Potengy.

No ano de 1917, o Ginásio Dramático voltou a 27 de janeiro, com "O Degenerado", de Ivo Filho, com outros intérpretes, com especial destaque para a atriz Joana Pereira; em 11 de fevereiro, volta o Ginásio com as peças "Mundo, Diabo e Carne" e "Jerimum? ... Não há!", de Joaquim Cipião, intercaladas com músicas e reprisadas, juntamente com "Pronto", em benefício da atriz Joana Pereira; no dia 18 de março, o Ginásio Dramático encenou a comédia "O Jovem", de Ivo Filho, reprisada no dia 25, em benefício do ator Jonas Campos, secundado por Sandoval Wanderley e as atrizes Joana Ferreira e Honória Reis.

Em fevereiro de 1918, no dia 10, o Ginásio Dramático apresentou o drama "Infâmia", de Ivo Filho, reprisada no dia 02 de março, com renda em benefício do ator Álvaro Costa e no dia 16, voltando à cena, apresenta o drama, em 5 atos, "Louca da Montanha", de Segundo Wanderley e no dia 13 de maio, o vaudeville "O Brabo", de Jorge Fernandes, com a receita destinada à atriz Livia Maggiale, uma das atrizes que o Ginásio mantinha em Natal; em agosto, no dia 23, o Ginásio apresenta a peça "Mata o Bicho", cujo prólogo passa-se no Inferno; os primeiro e segundo atos, no Rio de Janeiro e o terceiro, em Natal, sendo este último ato original de dois natalenses cujos nomes não foram revelados, destacando-se quadros como "Avenida Tavares de Lyra", "A Nova Aurora" e "A Rua do Triunfo", desempenhados por Cora Costa. No dia 29 de dezembro de 1920, apresentou-se a Companhia Regional com a revista de costumes locais "On Plus", de Virgílio Trindade, em benefício dos doentes de varíola da Cidade de São José de Mipibu. A temporada da Companhia foi encerrada no dia 31, com a peça "Ele... Elās e a Outra", em um ato, de Ezequiel Wanderley, pelo ator cômico Alexandrino Rosas.

No ano de 1921, não encontramos referências quanto as realizações teatrais no Teatro Carlos Gomes, apenas no dia 03 de janeiro de 1922, durante a Festa de Arte em benefício das obras da Igreja do Alecrim, foi apresentada a fantasia, em um ato, "No Reino das Fadas", de Stela Wanderley, com Helena Gurgel, Dagmar Chaves, Consuelo Wanderley e Etelvina Emerenciano; em 03 de maio, em benefício do Instituto de Proteção à Infância, um grupo de crianças encenou "A Doentinha", sainete em versos, de Ezequiel Wanderley, e no dia 23 de julho, os atores Teixeira Bastos e Carlos Ferreira, da Companhia Loira Lombazzi, em promoção de suas festas artísticas, encenaram "Pelos Grades...", de Jorge Fernandes.

Durante a 21ª récita da Companhia Nacional de Operetas e Revistas, na festa artística, em benefício das atrizes Albertina Rodrigues e Rosa Sandrini, no dia 16 de agosto de 1924, levaram à cena a revista "É bom quer dói...", de Juquinha das Mercês, pseudônimo do dramaturgo Ezequiel Wanderley, sendo reprisada no dia 17.

Em 09 de outubro de 1925, a Troupe Royal-Theatro, dirigida pelo Leone Siqueira, apresentou a peça "Esses Primos ...", de Ivo Filho, e representada pela mesma Troupe, em 10 de agosto de 1926, sob o desempenho de Leone, Dulce e Jim de Almeida.

A partir do dia 21 de setembro de 1928, o Governador do Estado, Juvenal Lamartine de Faria, arrendou o Teatro à exploração da Empresa Cinematográfica de José Elísio Bezerra Cavalcanti e Noel Miranda, denominada Empresa Cavalcanti & Cia., com vigor até o dia 31 de dezembro de 1930, pelo preço de 5.600\$000 (cinco contos e seiscentos mil réis) anuais, com uma alteração para o último ano, de 7.600\$00 (sete contos e seiscentos mil réis) e no período de 09 de junho de 1931 a 31 de dezembro de 1935, arrendado a L. Medeiros & Cia.

Como não existe arquivo no Teatro Carlos Gomes, no período de 1928 a 1931, apenas no dia 03 de dezembro de 1932, encontramos a informação de que o Conjunto Alma do Norte, em sua festa de despedida, levou à cena "Que loucura, Leonor", um vaudeville de Filgueira Filho e no dia 22, com o espetáculo promovido pelo teatrólogo Sandoval Wanderley, foram encerradas as atividades do Teatro no ano de 1932.

Em 1935, a Escola Doméstica, no encerramento do ano letivo, promoveu a Noite de Arte, encenando a revista, em um ato, "As três Graças", de autoria da Professora Chicuta Nolasco, por um grupo de alunas da Escola e no dia 19 de janeiro de 1936, a Companhia Brasileira de Comédias, homenageando o Estado, encenou "Compra-se um marido", a

comédia em três atos, do teatrólogo José Wanderley, e também "Zezé", de Filgueira Filho e Elpídio Câmara.

Em 12 de maio de 1935, foi criado o "Centro Estudantal Potiguar". Só encontramos informações sobre as suas atividades teatrais, a partir de 28 de março de 1936, quando promoveu um grande Festival de Arte, sob a direção artística de Alberto Moura, Diretor do Departamento Teatral do Centro. O Festival foi dividido em duas partes. Na Primeira, levaram à cena "E a Felicidade? ...", comédia, em um ato, de Geraldo Fernandes. Em 12 de maio de 1936, em comemoração ao primeiro aniversário de fundação, o Centro promoveu sessão solene e no dia 16, encenou a peça "Natureza", do teatrólogo pernambucano Aristófanes da Trindade, com a participação de Clarice Palma, Creuza Dantas, Aiodia Rocha e Cecília Oliveira.

Neste ano, no dia 3 de outubro, houve o Congresso Eucarístico da Paróquia de São José de Mipibu, promovido pelo Vigário Cônego Paulo Herôncio. O Festival foi dividido em três partes. Na primeira parte, foi levado à cena o drama "São Sebastião", em três atos, com Urbano Brandão representando o papel principal. Na segunda parte foi encenada a peça "Feminismo Triunfante", comédia, em um ato e na terceira parte, "O Sono da Lagoa do Bom Fim", revista fantasia, em um ato, todas três da autoria do Cônego Paulo Herôncio.

Em comemoração ao seu segundo aniversário da fundação, no dia 15 de outubro de 1936, o Centro Sportivo Feminino encenou a revista "Pé Duro", em um ato, de Virgílio Trindade, com música do Professor Túlio Tavares, reprisada no dia 19.

No mês de novembro, no dia 29, um grupo de senhoritas da sociedade natalense, em benefício das crianças pobres do Alecrim, encenou, na primeira parte, "As Três Datas", cena dramática de Segundo Wanderley, com um quadro denominado "Brasil", com os seguintes atos "7 de setembro", "13 de maio" e "15 de novembro", encerrando com uma Apoteose, denominada "Paz", "Religião" e "República". A Segunda parte era composta por peças musicais e na terceira parte, levaram à cena "O Testamento de Perpétua", comédia, em um ato, de Stela Wanderley Benevides.

Em janeiro 1938, no dia 15, voltando o Centro Estudantal Potiguar, apresenta "Amor e Ciúme", em três atos, de Segundo Wanderley. Em fevereiro a Companhia Brasileira de Comédia, apresentou "Compra-se um Marido", de José Wanderley e no dia 09 de abril, o Centro Estudantal encenou "De Joelhos", peça patriótica, em um ato, de Jorge Fernandes.

Em benefício da construção do Preventório para os filhos de Lázaro, as professoras da Escola Doméstica promoveram um Festival Artístico, apresentando, no dia 18 de novembro, "Adeus de Mãe", "No País da Fantasia", com versos de Carolina Wanderley, Dulce Wanderley e Judite Câmara e músicas do maestro Tomazzo Babine.

A Companhia de Burletas, Sainetes e Revuettes Ratinho-Da Ferreira, encenou, em novembro de 1938, "O speaker da P.R.P. 4", e a "Criada Moderna", comédias, em três atos, ambas de José Wanderley.

O Grupo Dramático de Natal, estreou no dia 15 de abril de 1939. Tratava-se de um grupo amadorista da mais alta categoria e que teve uma atividade intensa, apresentando a peça "Beatriz", alta comédia, em três atos, de Urbano Brandão e, em maio, nos dias 6, 12 e 13, o Grêmio Dramático de Natal, apresentou a comédia, em três atos, "Taberna Azul", de Sandoval Wanderley. No dia 08 de julho, em homenagem ao Centro Sportivo Feminino, o Grêmio reprisou "Beatriz" e em agosto, no dia 08, o Grêmio Dramático de Natal.

No ano de 1940, o Ginásio Dramático levou à cena, no dia 23, em première, a "Renúncia", de Ivo Filho, em benefício do Centro Náutico Potengi, reprisada no dia 15 de junho. No mês de julho, no dia 02, volta o Ginásio, levando à cena, "Amor é sempre amor", comédia de Filgueira Filho, reprisada no dia 12, encerrando as atividades referentes à década de 40.

3 - COMPANHIAS, SOCIEDADES, GRUPOS TEATRAIS E AS PRIMEIRAS ATRIZES NORTE-RIO-GRANDENSES

3.1 - As Companhias Teatrais

É claro que várias Companhias representaram peças teatrais na Cidade do Natal, em meados do século XIX, como a Companhia Peixoto, em 1861 e a de Francisco Xavier dos Santos, em 1865, que nos seus dramas e comédias foi "*ajudado pelos amadores da terra, Lourival Açucena, Antônio Rafael, Emílio Getúlio e o senhor Leal, funcionário grave da Alfândega, encarregado dos papéis solenes de pai nobre*"³⁵. Xavier representou o drama "A Louca ou o riso da dor", da autoridade do norte-rio-grandense, Luís Carlos Lins Wanderley.

José de Lima Penante e sua Companhia aportaram em Natal, em 1872, encenando tragédias, além de ensinar "*muito segredo aos rapazes, timbre, mímica, entradas, finais arrebatadores*"³⁶. "*O ator Penante foi um professor paciente e os amadores aprenderam depressa a lição. Ficaram levando as peças dramáticas e as comédias no Santa Cruz que ficava na Cidade Alta e na Ribeira nos armazéns adaptados.*"³⁷

O Teatro Carlos Gomes, apesar de cenários, camarins, botequim, cadeiras confortáveis, não conseguiu atrair as companhias. Afirma Cascudo que

o Teatro funcionava sempre mas com a orquestra comandada por Smido, festivais da terra, recitativos, apresentações de mágicos. De 1905 a 1907 há um cançonetista assíduo, o português J. Paulo, também representando comédias que pareciam entremezes e dramas. Mas era um dos favoritos pela sua graça, elegância, naturalidade. Em 1906 Cardoso da Mota; em 1907 Germano Alves; em 1908 Cristiano de Sousa; em 1909 Ângela Pinto; em 1910 Francisco Santos fizeram assunto para a cidade. De 1912 em diante Natal entra na linha das cidades visitadas pelos líricos e dramáticos. A Pablo López, julho-agosto de 1912, inaugura o Carlos Gomes e leva a primeira ópera para ouvidos e olhos natalenses, 'Cavaleira Rusticana', de Pietro Mascagni, a 23 de julho. Cantam 'Casta Suzana', 'Conde de Luxemburgo', 'Sonho de Valsa', 'Viúva Alegre' e as óperas 'La Boheme', 'Traviata', etc.³⁸

³⁵ Ibid., p. 202.

³⁶ Ibid., p. 202.

³⁷ Ibid., p. 210.

³⁸ Ibid., p. 203.

Neste começo de século, a vida artística da Cidade do Natal era bastante movimentada e *“o Carlos Gomes ouve violonistas, pianistas, cantoras, folcloristas anedóticos ou convencionais, nomes grandes, médios e pequenos do cartaz carioca”*³⁹

3.2 - As Sociedades Teatrais

3.2.1 - Sociedade de Teatro Natalense

Câmara Cascudo afirma que, por falta de maiores informações, de registro das atividades teatrais da Sociedade de Teatro Natalense, *“com o incendiado barracão morrera a Sociedade de Teatro Natalense”*, e em virtude do documento assinado pelo vice-presidente da Província, André de Albuquerque Maranhão, datado de setembro de 1843, de *“que os 800\$00 pedidos por Matias Carlos foram concedidos mas ninguém apareceu na Tesouraria Provincial para receber”*⁴⁰, conclui-se que esta Sociedade sobreviveu até antes de 1843.

3.2.2 - Sociedade Recreativa Juvenil

Na Acta Diurna *“O Teatro em Natal: Sociedade Recreativa Juvenil (1850)”*, Câmara Cascudo afirma que

*a mais antiga associação de amadores teatrais de que tenho notícia foi a SOCIEDADE RECREATIVA JUVENIL, fundada e mantida em Natal, desde 1850, por um grupo de rapazes. Eram eles Lourival Açucena, Tiago Moreira, João Manoel de Carvalho, Joaquim Leitão de Almeida, Manoel Onofre de Andrade, Antônio Benevides Seabra de Melo, Luiz Loureiro de Marães e outros*⁴¹.

Entre esses rapazes apareceu, *“a primeira mulher que teve a suprema coragem de representar em público ante os severos burgueses do Natal oitocentista”*⁴², chamada Maria Epifânia de Oliveira, que já estudava *“os primeiros papéis e os diz nas noites de função ante um público austero, carrancudo, fiscalizando olhares e medindo intenções alheias”*⁴³.

³⁹ Ibid., p. 203.

⁴⁰ Ibid., p. 196.

⁴¹ Ibid., p. 204.

⁴² Ibid., p. 204. Cf. CASCUDO. Livro das Velhas Figuras, VII. [Inédito]

⁴³ Ibid., p. 205.

O repertório consistia em dramas e raras comédias. As comédias eram simples enredos de comicidade grotesca, verdadeiras jogralices para o fácil riso galhardo de outrora. A Sociedade Recreativa Juvenil levou à cena “As duas rivais inglesas”, “O holandês ou pagar o mal que não fez”, “Luiz de Camões”, “Pelaio”, “Dom Antônio”, “Prior do Crato”, “Camila no subterrâneo ou os salteadores do Montenegro”, e as comédias “Os taberéus”, “O eclipse de 1821”, com os ensaios acontecendo *“nas casas dos sócios, pela rua da Palha, beco Novo, rua Nova, praça da Alegria”*⁴⁴.

Entre 1850 e 1853, os rapazes fizeram uma “coleta” para a construção de um teatro. Construíram uma imensa casa de palha - “Teatro de Palha”, localizada na Praça do Rosário, atualmente, Gonçalves Ledo. Em 1853, houve um incêndio que destruiu todo o Teatro, mas *“os rapazes, obstinadamente, alugaram uma casinha na rua da Palha e recomeçaram a ensaiar e representar”*⁴⁵

Até o ano de 1862 viveu a Sociedade Recreativa Juvenil, dando *récitas* e apresentando de duas a três teatrais, anualmente.

3.2.3 - Sociedade Teatral Apolo Rio Grandense

A Apolo Teatral Rio Grandense, foi instalada em 18 de setembro de 1854, em uma *“casa na rua Grande, casa alugada ao negociante português Manuel dos Santos Martins Romano”*⁴⁶. Era uma sociedade

*muito bem organizada, com estatutos, atas e técnicas. Os sócios assinavam uma página num Livro de matrículas, indicando o número de pessoas da família que o acompanhariam nas representações. O preço era de mil réis, mandando as cadeiras, a tempo para a colocação estratégica, olhando o palco*⁴⁷.

A Ata de fundação, assinada pelo Primeiro Secretário Manuel Ferreira Nobre Júnior, em 18 de setembro de 1854, diz o seguinte:

O abaixo assinado declara que, nesta data foi instalada nesta Cidade a Sociedade Teatral Apolo Rio Grandense e que, procedendo-se a eleição da Comissão Administrativa, que tem de funcionar por um ano, foram eleitos os cidadãos seguintes: - para Diretor da Sociedade o Sr. Vice-

⁴⁴ CASCUDO. Id., Ibid., p. 205.

⁴⁵ CASCUDO. Id., Ibid., p. 205.

⁴⁶ CASCUDO. Id., Ibid., p. 196.

⁴⁷ CASCUDO. Id., Ibid., p. 206.

cônsul Joaquim Inácio Pereira Júnior; 1º Secretário o tenente Manuel Ferreira Nobre Júnior; 2º, o Sr. Capitão João Ferreira Nobre; tesoureiro, o Sr. Capitão Alexandre Tomaz Seabra de Melo; procurador, o Sr. José Pereira de Azevedo Júnior; e para conselheiros os Srs. Tenente-coronel Francisco José Pereira Cavalcanti, Manuel Onofre de Andrade, Fôcio Joaquim do Rêgo Barros e Antônio Benevides Seabra de Melo. E para que chegue ao conhecimento de todos e em obediência ao disposto no art. 27 do Regimento Interno, se faz a presente declaração, em falta de folha pública. Sala das sessões da Sociedade Apolo Rio Grandense em 18 de setembro de 1854. (a) O 1º Secretário - M. F. N. Júnior⁴⁸

Ferreira Nobre Júnior, a 24 de setembro, informava que *"a respectiva Comissão Administrativa tratava contratar aluguel a Manuel Martins dos Santos Romano a sua propriedade que serve de teatro desta Capital e nela serão dados os espetáculo, a que se propõe a mesma Sociedade"*⁴⁹

Sobre o local da casa, o elenco e o repertório não existem maiores informações. Apenas encontramos a informação de que *"o sócio José Alexandre Seabra de Melo entregou à Comissão Administrativa duas peças, a 23 de setembro, o 'Noviço' e outra 'Amor de um padre'"*⁵⁰.

A Sociedade Teatral deu duas representações em dezembro de 1854: uma no dia 2 e outro no dia 6, e sobreviveu até meados de 1855.

3.2.4 - Sociedade Teatral Tália Natalense

Segundo informação encontrada no orçamento provincial para 1856, a Sociedade Teatral Tália Natalense, já existia em Natal, em 1855. No artigo 24, das Disposições Gerais, deste Orçamento, encontra-se a seguinte informação: *"O mesmo Presidente (da Província) fica autorizado a mandar dar, desde já, uma subvenção de duzentos mil réis à Sociedade Teatral Tália Natalense estabelecida nesta Capital, em prestações de vinte mil réis mensais."*⁵¹

3.2.5 - Sociedade Dramática Natalense

A Sociedade Dramática Natalense apareceu em meados de 1868, formada pelos sócios e dentre eles a nossa primeira e "indispensável" atriz Maria Epifânia:

⁴⁸ Ibid., p. 206.

⁴⁹ Ibid., p. 206.

⁵⁰ Ibid., p. 207.

*Joaquim Lourival Soares da Câmara (Panqueca), Emlidio Marcolino de Melo, José Macabeu, Joaquim de Vasconcelos, Luls de França Guaju, Secundino Câmara, Antônio Climaco Machado França Antônio Calixto, Antônio Francisco de Freitas, apelidado Antônio Cobra, e uma figura feminina, a indispensável Maria Epifânia*⁵²

A Sociedade Dramática Natalense realizou ao ar livre, no Barro Vermelho, no sítio do padre Memeuzinho, Bartolomeu Fagundes de Vasconcelos, na noite de 25 de dezembro de 1868, com uma duração de mais de quatro horas, dentre outras peças o dramalhão “Camila no subterrâneo ou os salteadores do Montenegro”, e a orquestra era um realejo de corda de José Macabeu. A assistência era incontável, na afirmação de Panqueca. As famílias convidadas levaram candeeiros e o Presidente da Província, Manuel José Marinho da Cunha, assistiu, firme, batendo palmas, entusiasmado. Essa peça já tinha sido levada à cena por duas vezes em Natal. Era um dramalhão de Camilo Frederici.

Um episódio marcou a representação do drama:

*o papel de Camila coube a Pedro Lourival que, não sabendo cantar uns versinhos, quando está prisioneiro no subterrâneo, combinou com Maria Epifânia que os cantou, dos bastidores, enquanto o rapaz abria e fechava a boca, fazendo de conta.... Findaram com a comédia 'Patente de capitão', sátira à Guarda Nacional*⁵³

No dia primeiro de janeiro de 1869 repetiram “Camila” e no meio do ano, representaram outro dramalhão “O desertor francês”, de Antônio Xavier Ferreira de Azevedo, em vários atos, desaparecendo a Sociedade em 1870.

3.2.6 - Sociedade Recreio Juvenil Dramático

Em 1899, um grupo de jovens, meninos de doze e quinze anos, fundou o Recreio Juvenil Dramático, levando dramas e comédias: “*Milciades Barbosa, Nestor Lima, Francisco Canindé, Sebastião L'Eraistre, Artur Cavalcanti, Alberto Ferraz, João Estevão Gomes da Silva, José de Ataíde, Francisco Ivo Cavalcanti, etc.*”⁵⁴

3.2.7 - Ginásio Dramático

⁵¹ Ibid., p. 207.

⁵² Ibid., p. 208.

⁵³ Ibid., p. 208.

⁵⁴ Ibid., p. 212.

Fundado em 3 de maio de 1912, teve intensa atividade, após a reinauguração do Teatro Carlos, podendo ser considerado a mais autêntica escola de Teatro do Rio Grande do Norte, ensejando a oportunidade dos autores locais e diversos atores e atrizes, como Ivo Filho, Virgílio Trindade, Jorge Fernandes, Ezequiel Wanderley, Deolindo Lima, Joaquim Cipião, Stela Wanderley, Júlio Galvão, Amaro Andrade, Pretextato Bezerra, Calazans Carneiro, Abelardo Bezerra, Sandoval Wanderley, Regina Costa.

Na comemoração do 4º aniversário de sua fundação, encenou no Teatro Carlos Gomes "O Degenerado", drama em 03 atos, do professor Ivo Filho e fez circular o primeiro número de "O Teatro", órgão mensal, com variada colaboração, sobrevivendo até o ano de 1920.

3.2.8 - Sociedade Dramática "Henrique Castriciano"

A única informação que encontramos sobre a Sociedade Dramática, trata da sua estreia, no dia 24 de abril de 1915, com as comédias "A Pulga", da autoria de Segundo Wanderley e "Jappe-Culotte", em um ato, de Jorge Fernandes.

3.2.9 - Sociedade Grêmio Dramático

A peça "Beatriz", da autoria de Urbano Brandão, inaugurou a Sociedade no Teatro Carlos Gomes, com o elenco formado com "a prata velha da casa", como Siqueira, Andrade, os novos Urbano Brandão, Luís Siqueira, Fernando Cardoso, Julita Câmara, poetisa e dramaturga. O Grêmio encenou trabalhos de Sandoval Wanderley, Urbano Brandão, Clementino Júnior, Filgueira Filho, Ivo Filho, Jorge Fernandes, José Aguinaldo Barros.

3.3 - Grupos Teatrais

3.3.1 - O Grupo de Joaquim Fagundes

Joaquim Fagundes, deixando de representar papéis secundários nas sociedades amadoras e reunindo o pessoal das extintas Sociedades Tália e Dramática, funda o seu próprio grupo, com Francisco Otilio, Luís de França Guaju, José Teófilo Barbosa, Panqueca, Antônio Climaco, Emílio Marcolino de Souza, José Macabeu, Emídio Getúlio

de Oliveira e outros. Surge a segunda figura feminina nos palcos natalenses: Horária dos Santos, depois Horária Reis, que sobreviveu até 1874.

Do repertório constavam “Abençoadas lágrimas”, “O desertor francês”, “Camila no subterrâneo ou os salteadores do Montenegro”, além de dramas do próprio Joaquim Fagundes, como “Vieira de Castro”.

Afirma Câmara Cascudo que *“um episódio inesquecido se passou quando Fagundes, dizendo, num final de ato tremendo, em que ia suicidar-se aos pés da amada, - Eufrosina, meu último beijo e último suspiro são teus! - o pano-de-boca do teatrinho desabou num fragor de catástrofe, em cima dos personagens,”*⁵⁵ aparecendo, por esse motivo, o mote:

*Com o pé feliz no teatro
Entraste causando espanto;
O que não fariam quatro
Se com dois fizeste tanto?*

que foi glosado pelo poeta João Areia Bajão:

*Tenho raiva do pedante
Quando quer ser literato,
Dado unhas como gato
Nas obras de algum tonante.
É ser muito extravagante,
É ser nau sem leme e mastro,
É não respeitar do astro
O seu raio luminoso...
É entrar, muito ostentoso
Com o pé feliz no teatro!*

*Com voz terrível e rouca
Ia falando o ator,
Quando, por graça de Amor,
Caiu-lhe o pano-de-boca...
Já não foi graça tão pouca
Para quem quer primar encanto.
Ouvir murmurar um canto*

⁵⁵ CASCUDO. Id., Ibid., p. 209.

*Na platéia complacente
No palco, bem descontente,
Entraste causando espanto!*

*O moderno João Caetano
Na sua primeira estréia,
Julgou logo que a platéia
Lhe desse um aplauso ufano...
Mas, a calda do pano
Mudou-lhe da estréia o astro,
De sorte se, no teatro,
Com dois pés fez tanto mal,
Movendo-se desigual
O que não fariam quatro?⁵⁶*

3.4 - As Primeiras Atrizes Norte-rio-grandenses

3.4.1 - Maria Epifânia de Oliveira

Em 1850, entre os rapazes que fundaram a Sociedade Recreativa Juvenil, aparece em cena a primeira mulher, “a veterana, a pioneira, atravessando fome, esquecimento e glórias provincianas até 16 de julho de 1918 quando faleceu. Muitas vezes eu a vi e conversei com a velhinha seca, ágil, falando sempre, evocando.”⁵⁷

Maria Epifânia, com mais de 60 anos de atividades teatrais, desde a fundação da Sociedade Recreativa Juvenil, no início deste século, ainda era uma mulher “alta, magra, a face enrugada, andar vacilante, morena jambo, respondia com vivacidade as perguntas e ainda havia uma gota de malícia e de primavera nos seus olhos grandes e castanhos”⁵⁸

Apesar de ser

humilde, quase analfabeta, rude, impulsiva, Maria Epifânia atravessou mais de setenta anos acompanhando, interessada, todos os trabalhos referentes ao teatro. Ainda a conheci, repete Câmara Cascudo, velhinha, encarquilhada, seca mas sempre curiosa e atenta aos ensaios do

⁵⁶ Ibid., pp. 209/210.

⁵⁷ Ibid., p. 196.

⁵⁸ Id., A mais antiga atriz norte-rio-grandense”. Acta Diurna, 15.12.1956. In: O Livro das Velhas Figuras, p. 100/102.

*Ginásio Dramático, lembrando figuras e ressuscitando episódios. Não é possível deixar de admirar Maria Epifânia. A inicial feminina no amadorismo natalense*⁵⁹.

Em meados do século XIX, em uma cidade ainda provincial, com um progresso material ínfimo,

*Maria Epifânia é uma brusca solução de continuidade. Não devia ter sido senão uma inteligência assimiladora, equilibrada e prudente, sem criações, falando sem gestos, com aquela entonação uniforme, sonora e monótona, que caracteriza as declamações escolares, decoradas e maquinais. Mesmo assim, nada diminuiria a valentia do gesto nem os valores de uma alma singularmente orientada para a Arte.*⁶⁰

3.4.2 - Honória Reis

Honória Santos, depois conhecida como Honória Reis, a segunda mulher a pisar na ribalta, inspiradora do poeta Joaquim Fagundes, era

*morena, bem feita, uma espécie de Capitu, com olhos de ressaca. Foi a Musa de Joaquim Fagundes, a eleita e, ainda conheci Honória lembrando o poeta arrebatado, o ator trágico, jornalista, poeta, político, morrendo romanticamente tuberculoso aos vinte anos e cinco meses de idade, em 1877*⁶¹

⁵⁹ Ibid., p. 204.

⁶⁰ Ibid., p. 204.

⁶¹ Ibid., p. 209.

4 - A DRAMATURGIA NORTE-RIO-GRANDENSE

4.1 - Os Autores

4.1.1 - Luís Carlos Lins Wanderley

Primeiro norte-rio-grandense diplomado pela Academia de Medicina da Bahia, em 1857, tornou-se o primeiro médico de Natal. Além poeta, jornalista, romancista, político, dramaturgo, escreveu com um certo encantamento, de uma alma sonhadora e de uma comunicativa simplicidade. Luís Carlos nasceu em Açú/RN, aos 30 de agosto de 1831, falecendo em Natal/RN, aos 10 de fevereiro de 1890. Era filho de Manuel Lins Wanderley e de Maria da Trindade Wanderley. Exerceu a função de Diretor do Atheneu Norte-rio-grandense, do Hospital de Caridade, da Instrução Pública, foi Inspetor de Saúde, Deputado Provincial por cinco vezes e como Vice-presidente governou a Província de 30 de outubro a 11 de novembro de 1886. Colaborou em vários jornais em Açú/RN, Bahia e Natal. Por escrever os dramalhões truculentos, emocionais, com cenas trágicas, comédias e mesmo uma anacreônica, é considerado o primeiro dramaturgo no Rio Grande do Norte. O dramaturgo é superior ao poeta e ao romancista. Como poeta publicou Lira de Amor e, como romancista, "Mistérios de um homem rico" e "Impressões de uma viagem". Antes de falecer, em Natal/RN, aos 10 dias do mês de fevereiro de 1890, pelos serviços prestados, recebeu a Ordem da Rosa e o título de Comendador da Ordem de Cristo. Luís Carlos no campo da dramaturgia escreveu:

- "A queda de Lusbel", dramá anti-jesuíta;
- "A Louca ou o riso da dor", drama, 1865;
- "O Anjo da meia noite", recitativo cênico, em versos, 1881;
- "Os anjos do amor", drama, em cinco atos, 1884;
- "A Restituição";
- "O Amor de um Anjo";
- "O Prêmio da viúva", comédia.

4.1.2 - Isabel Urbana de Albuquerque Gondim

Isabel Gondim, ensaísta, poetisa, historiadora, dramaturga, nasceu em Papary, atualmente, Nisia Floresta, em 05 de julho de 1839, falecendo em Natal, a 10 de junho de 1933. Era filha do professor Urbano Égide da Silva Costa Gondim de Albuquerque e de Isabel Deolinda de Melo Gondim. Foi Professora, por concurso, da cadeira de ensino, criada para o Bairro da Ribeira, em 15 de junho de 1866, aposentando-se, em 1891. Isabel Gondim colaborou em várias revistas e jornais de sua época. Publicou "Reflexões às minhas alunas", no Rio de Janeiro, em 1874, com mais duas edições em Natal, 1879, 1910, O Brasil, poemeto histórico, em Natal, 1903 e Rio de Janeiro, em 1913, Sedição de 1817 na Capitania, ora Estado do Rio Grande do Norte, em 1917, A Lira Singela, em versos, no Rio de Janeiro, em 1933, O Preceptor, poemeto, em Recife/PE, em 1933, deixando inéditos O Rio Grande do Norte, noções históricas, Resumo da História do Brasil, Curso Primário de Caligrafia, Elementos de Educação. No campo do teatro escreveu apenas o drama histórico "O Sacrifício do Amor", em cinco atos, em 1909.

4.1.3 - Joaquim Fagundes

Fagundes, poeta, expoente do jornalismo literário, de temperamento ardente, vibrátil, nasceu em Natal, aos 19 de março de 1856, filho do vigário Bartolomeu da Rocha Fagundes, onde faleceu, com 21 anos de idade, com tuberculose, aos 21 de agosto de 1877. Fundou diversas revistas e jornais como o Iris e o Echo Miguelinho, com orientação republicana, que viveu de julho a novembro de 1874, com apenas oito números. Além de ter sido um líder intelectual de seu tempo, defensor dos direitos da mulher, da liberdade, foi jornalista, orador inflamável, amador teatral e dramaturgo, escrevendo e representando as peças dramáticas:

"Vieira de Castro";

"A Mão de Deus";

"A Queda de um Anjo";

"A Queda de Susbel".

4.1.4 - Manuel Segundo Wanderley

Nasceu Segundo Wanderley, o sonhador de "Estrelas Cadentes", em Natal, a 06 de abril de 1860, onde faleceu, aos 14 dias do mês de janeiro de 1909. Filho do Dr. Luiz Carlos Lins Wanderley e de Francisca Carolina Lins Wanderley, doutorou-se em Medicina pela Faculdade da Bahia, em 1886. Foi Professor do Ateneu, Inspetor de Saúde do Porto,

Inspetor de Higiene do Estado, Médico-Adjunto e Diretor do Hospital de Caridade. Como Professor, exerceu as funções de lente de Filosofia, Francês, Física, Química e História Natural do Ateneu Norte-rio-grandense. Segundo Wanderley, a mais forte impressão literária local no espírito dos contemporâneos ou, como afirma Câmara Cascudo, foi “*a mais duradoura e irresistível influência literária do Estado. Fez o teatro velho mas fez. Este teatro agradou. Era o único*”⁶². Jornalista e orador. Como poeta, é considerado um dos maiores do Rio Grande do Norte, com uma poesia ao mesmo tempo condoreira e social, romântica e lírica, humorista e mística, nas obras “Estrelas Cadentes”, de 1883, “Miragens e Prismas”, de 1887, “Revoltas Poéticas”, de 1895, “Gôndolas”, de 1903 e “Poesias Completas”. Além de dramaturgo, foi diretor teatral, cenógrafo, produtor, divulgador, contra-regra, ponto, escrevendo e fazendo representar inúmeras peças teatrais: dramas, comédias, entre as quais se destacam:

- “A Louca da Montanha”, drama, 1896;
- “Brasileiros e Portugueses”, drama histórico, em três atos, 1897;
- “Amor e Ciúme”, drama, em três atos, com vários quadros, 1900;
- “Entre o céu e a terra”, drama, 1902.
- “A Providência”; drama, 1904;
- “As Três Datas”, cena dramática, em estilo alegórico, 1904;
- “Natal em Camisa”, revista de costumes locais, 1906;
- “Os Anjos do Claustro”, drama infantil;
- “A Rainha dos Bosques”, revista;
- “Os Dramas da Seca”, fantasia;
- “Noiva em leilão”; comédia, 1907;
- “A Pulga”, comédia;
- “Assim rola o mundo de pernas para o ar”; comédia;
- “Alberto ou a glória do artista”, drama;
- “E Assim rola o mundo de pernas para o ar”, cena cômica, em versos;

4.1.5 - Antônio José de Melo e Souza

Nascido em Papari/RN, aos 24 dias do mês de dezembro de 1867 e falecido em Recife/PE, aos 06 de julho de 1955, Antônio de Souza pertenceu à turma da Faculdade de Direito do Recife, sendo Promotor Público, Deputado Estadual, Procurador Geral do

⁶² Ibid, p. 209.

Estado e também da República, Senador por duas vezes, em 1908 e 1915, além de Secretário Geral do Estado, em duas interventorias, assumiu o Governo do Estado. Como escritor usou o pseudônimo de Policarpo Feitosa, escrevendo vários romances, como *Gizinha*. No campo da dramaturgia escreveu apenas a comédia “Qual o mais forte?”, em dois atos, em 1928.

4.1.6 - Ezequiel Lins Wanderley

Ezequiel Wanderley nasceu na Cidade do Açu, a 27 de outubro de 1872, vindo a falecer em Natal, aos 26 de novembro de 1933. Era filho do Dr. Luiz Carlos Lins Wanderley e de Francisca Lins Wanderley. Cronista, jornalista, poeta, sob o pseudônimo “Juquinha das Mercês”, fundou os Jornais *O Tentâmen*, *A Evolução*, *O Fantoche*, *O Povir*, *A Tribuna*, e colaborou com o *Jornal da Manhã* e *A República* e em Macau foi redator de *A Pátria* e *a Folha Nova*. Publicou os livros “*Balões de Ensaio*”, de artigos e crônicas, em 1919, a antologia “*Poetas do Rio Grande do Norte*”, em 1922, deixando inéditos “*Fora do Sério*”, versos humorísticos, “*Da Tribuna*”, discursos litero-humorísticos, “*Rimários*”, de versos. Considerado o dramaturgo da revista norte-rio-grandense, publicou em 1927, pela *Imprensa Diocesana do Natal*, o livro “*O Meu Teatro*” e escreveu as seguintes peças:

“*A Tia Quitéria*”, comédia, em versos, 1910;

“*Papa Jerimum*”, revista de costumes locais, em três atos, 1915;

“*A Mortalha de Rosas*”, episódio trágico, em um ato, 1916;

“*Ele..., Elas ... e a Outra ...*”, fantasia lírica, em versos, 1920;

“*A Doentinha*”, sainete, em versos, 1922;

“*É bom que dói*”, revista, 1924;

“*Céu Aberto*”, revista em parceria com Virgílio Trindade e Jorge Fernandes, com vinte e dois números de música da autoria do maestro Armando Lameira;

“*A Ceguinha da Aldeia*”, cena dramática;

“*A Melindrosa e o Almofadinha*”, farsa cômica;

“*Os Cajus do Papai*”, diálogo infantil, em versos;

“*A República dos Bichos*”, fantasia dramática;

“*Flor do Baile*”, em três atos;

“*Romeu e Julieta*”;

“*A Terra Azul do Sonho*”, comédia.

4.1.7 - Henrique Castriciano de Sousa

Poeta, crítico, ensaísta, jornalista, nasceu Henrique Castriciano em Macaíba/RN, aos 17 de março de 1874 e faleceu em Natal aos 26 de julho de 1947. Era filho de Elói Castriciano de Souza e Henriqueta Leopoldina de Souza. Bacharel em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1908, foi Vice-Governador do Estado do Rio Grande do Norte, Procurador Geral do Estado, um dos fundadores da Academia Norte-rio-grandense de Letras. De suas viagens trouxe da Suíça o modelo para fundação da Escola Doméstica de Natal, criou a Liga do Ensino, em 1914 e o Escotismo do Rio Grande do Norte. É considerado uma das maiores expressões literárias do Estado, publicando as obras "Ariações", em versos, "Ruínas", em Fortaleza, em 1898, "Vibrações", em 1903, "A Educação das Mulheres", em 1911, deixando inéditos "Os Mortos", romance, "Redenção de Satã", poemas, "O Tísico", romances. Além de dramas sociais, escreveu várias peças teatrais em outros estilos, destacando-se:

"A Mãe", 1897;

"Suprema dor", cena dramática, em versos, 1899;

"O Enjeitado", drama, em um ato, 1900;

"A Promessa", peça infantil, em um ato, em versos, 1904.

4.1.8 - Maria Carolina Wanderley Caldas

Sinhazinha Wanderley, nasceu aos 30 de janeiro de 1876, em Açu/RN, onde faleceu em 20 de setembro de 1954. Era filha do casal Dr. Luiz Carlos Lins Wanderley e Francisca Carolina Lins Wanderley. Foi Professora do Grupo Escolar Tenente-Coronel José Correia, em Açu, desde 1911. Escreveu poesias, lições de moral, para os seus alunos, deixando inédito os livros "Musa Sertaneja", "Trovas Infantis"; "Lira das Selvas", em versos e "Palestras Infantis", em prosa e escreveu vários dramas escolares.

4.1.9 - Manoel Virgílio Ferreira Itajubá

Ferreira Itajubá era filho de Joaquim José Ferreira e de Maria Ferreira, nasceu em Natal/RN, aos 21 de agosto de 1877 e faleceu no Rio de Janeiro/RJ, no dia 30 de junho de 1912. Funcionário do Ateneu, seresteiro, ator e dono de circo, foi o grande poeta popular do século passado, sendo muitos dos seus versos musicados e cantados em serestas. Colaborador de vários jornais, fundou o "Eco", publicou em 1914, "Terra Natal", em versos, "Harmonia do Norte", versos organizados por Henrique Castriciano e publicado na

Imprensa Diocesana do Natal, em 1927 e "Poesias Completas", pela Fundação José Augusto, reunindo "Terra Natal" e "Harmonia do Norte", em 1965. Escreveu apenas a comédia "Um plano de mulher", em 1907.

4.1.10 - Sebastião Fernandes de Oliveira

Nascido em Natal/RN, aos 11 dias do mês de março de 1880, onde faleceu aos 29 de maio de 1941, Sebastião Fernandes era filho do professor Manuel Fernandes de Oliveira e Francisca Fagundes de Oliveira. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Recife/PE, em 1902. Exerceu o cargo de Promotor Público, Juiz, Desembargador do Tribunal de Justiça, diretor da Escola de Aprendizes Artífices, Procurador Geral do Estado, Chefe de Polícia, no Governo de Antônio de Souza, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e da Academia Norte-rio-grandense de Letras, fundou o jornal "O Diário de Notícias" e publicou "Vida Efêmera", crônicas e estudos literários, "Da Tribuna", discursos e fantasias, "Por amor de minha profissão", crônicas e estudos e "Aplicações de Sociologia Criminal", em 1922. No campo da dramaturgia, escreveu apenas o drama histórico "Frei Miguelinho ou a Revolução de 1817", em 1903.

4.1.11 - Deolindo Ferreira Souto dos Santos Lima

Nascido em Açú/RN, a 09 de março de 1885 e falecido em Natal/RN, a 10 de abril de 1944, era filho do Coronel Galdino dos Santos Lima e Ana Souto Lima. Colaborou em vários jornais e revistas que circulavam em seu tempo. Líder da Maçonaria Norte-rio-grandense, foi seresteiro e ao falecer deixou inéditos dois cadernos de poesias. Como dramaturgo escreveu apenas a revista "Reino das Fitas", em 1916.

4.1.12 - Francisco Ivo Cavalcanti

Francisco Ivo, mas conhecido como Ívo Filho, nasceu em Natal/RN, a 26 de agosto de 1885 e faleceu a 11 de março de 1969. Era filho de Ivo Cavalcanti de Andrade e Vitalina Evangelina Cavalcanti. Foi professor primário, mestre de Humanidades, professor da Escola Normal do Natal, do Ateneu Norte-rio-grandense e da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Foi membro do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Rio Grande do Norte, da Academia Norte-rio-grandense de Letras, fundou a Oficina Literária "Lourival Açucena", com grandes intelectuais da época e colaborou em diversos jornais, como A República, o Diário de Natal, A Razão, O

Democrata, o Jornal do Comércio. Publicou "Crisântemos", em Natal, 1906, "Contos & Troças-Loucuras", em parceria com Jorge Fernandes, em Natal, 1909, "Cartas para a Eternidade", em Natal, 1947. Além de fundador do Grêmio Dramático do Natal, foi ator, diretor e escreveu várias peças, em algumas abordando temas psicológicos e sociais:

- "Sônia", comédia-drama, em três atos, 1913;
- "Esses Primos...", comédia, em um ato, 1914;
- "O Motivo", comédia de costumes, 1915;
- "O Flagelo", alta-comédia, de 1915;
- "Além...", drama social, 1916;
- "O Degenerado", drama, em três atos, 1916;
- "Em Apuros...", comédia, 1916;
- "Um chá complicado", comédia, 1916;
- "Sopa no Mel", comédia, 1916;
- "O Jovem", comédia, 1917;
- "Renúncia", drama, 1940.
- "Inovidável", comédia;
- "A Infâmia", drama;

4.1.13 - Virgílio Galvão Bezerra da Trindade

Virgílio, filho do Capitão do Exército José Cândido Bezerra da Trindade e Ubaldina Galvão Bezerra da Trindade, nasceu em Natal/RN, aos 05 de abril de 1887, onde faleceu aos 26 de outubro de 1979. Considerado um dos grandes humoristas de sua época, foi crítico, jornalista, poeta, funcionário público estadual, do Quadro da Secretaria da Segurança Pública, sócio-fundador da Academia Norte-rio-grandense de Letras, exerceu o cargo de Escrevente do Cartório de Órfãos, em Manaus, entre 1908 e 1910. A partir de 1910, foi designado Amanuense da Secretaria da Segurança e, em 1918, nomeado Secretário do Departamento da Segurança Pública do Rio Grande do Norte.

Virgílio Trindade escreveu várias peças, dentre as quais destacamos:

- "O Anti-Cristo", revista, em colaboração com Jorge Fernandes de Oliveira e Ezequiel Wanderley, 1914;
- "O Ginásio Dramático por dentro", revista, 1915;
- "Avacalhado", comédia, 1915;
- "On plus", revista de costumes locais, 1920;

“Pé duro”, revista, em um ato, 1936;

“Céu Aberto”, revista;

“Á Espera do Bonde”, revista;

“Tipos de Terra”, revista;

“O Homem que sobrou”, revista.

4.1.14 - Nestor dos Santos Lima

Nestor Lima, nascido na Cidade do Açu/RN, a 1º de agosto de 1887, filho de Galdino dos Santos Lima e Ana dos Santos Lima, faleceu em Natal/RN, aos 26 de fevereiro de 1959. Bacharel em Direito, em 1909, pela Faculdade de Recife/PE, foi Professor de Pedagogia, Diretor da Escola Normal de Natal e do Departamento de Educação, Professor e Diretor da Faculdade de Direito de Natal, Secretário Geral do Estado, membro do Conselho da OAB/RN, da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e de várias associações no Brasil. Além de autor do Hino do Rio Grande do Norte, publicou diversas obras, como “Lição de Metodologia”, em 1911, “A Matriz de Natal”, em 1915, “Metodologia do Ensino Primário e Normal” e “O Culto da Pátria e a Missão dos Mestres”, em 1913, “Síntese do nosso Movimento Pedagógico”, em 1921, “Unificação do Magistério Nacional”, tese apresentada quando professor de Pedagogia da Escola Normal e Delegado do Estado na Primeira Conferência Nacional de Educação e “Um século de Ensino Primário”, em 1927, “O Celibato Pedagógico”, em 1929, “A Questão do Engenho Ilha Bela”, em 1932, “Em Memória do Padre Miguelinho”, em 1950, “A Graça na Execução da Pena”, em 1951. No campo da Dramaturgia, Nestor Lima escreveu várias peças, destacando-se uma cena Cívica e algumas fantasias:

“Augusto Severo”, fantasia;

“Floral”, fantasia infantil;

“Simbolismo na Nossa Bandeira”, cena cívica, em um quadro.

4.1.15 - Jorge Fernandes de Oliveira

Jorge Fernandes, considerado o inovador, o revolucionário da poesia moderna no Estado do Rio Grande do Norte é um dos precursores do Modernismo no Brasil, nasceu em Natal/RN, aos 22 dias do mês de agosto de 1887, filho do Professor Manuel Fernandes de Oliveira e Francisca Fagundes de Oliveira, falecendo aos 17 do mês de julho de 1953.

Jorge Fernandes colaborou em diversos jornais e revistas e publicou em 1909, o livro de estreia "Contos & Troças-Loucuras", em colaboração com Ivo Filho. Em 1927, publicou o "Livro de Poemas", em versos modernos. No campo da dramaturgia, Jorge Fernandes escreveu várias peças, nos mais variados estilos, da comédia ao drama, da revistas à peça patriótica:

- "O Anti-Cristo", revista, 1914;
- "Céu Aberto", revista, 1915;
- "Pelos Grades", drama guignolesco, em um ato, 1915;
- "A Pulga", comédia, 1915;
- "Jappe-Culotte", comédia, 1915;
- "A Mentirosa", drama, em um ato, 1916;
- "O Brabo", comédia, 1918;
- "On plus", revista de costumes, 1920;
- "De joelhos", peça patriótica, em um ato, 1938;
- "Já Teve", revista;
- "Ave-Maria", em um ato;
- "Assim morreu...", drama;
- "Manhã de Sol";
- "O Aniversário", revista;
- "Desesperada", tragi-comédia.

4.1.16 - José Rodrigues Filho

O Professor José Rodrigues nascido em Arês/RN, no dia 05 de agosto de 1889, filho de José Rodrigues de Carvalho e Francisca Rodrigues de Carvalho, diplomou-se na Primeira Turma da Escola Normal de Natal, em 1910 e, conseqüentemente, em Medicina. Exerceu o cargo de Fiscal de Consumo e de Diretor do Grupo Escolar de Canguaretama, na década de 20, onde fez representar suas revistas, pelos alunos, com muito sucesso. Das inúmeras revistas só conhecemos apenas a "Aliados do Pan".

4.1.17 - Ponciano de Moraes Barbosa

Figura de destaque tanto na vida pública quanto nas letras, Ponciano Barbosa, nasceu em Natal/RN, aos 19 de novembro de 1889, filho de Apolinário Joaquim Barbosa e Maria Emília de Moraes Barbosa, vindo a falecer a 12 de janeiro de 1919, com vinte e nove

anos de idade. Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife/PE, em 1913, foi jornalista, Professor da Escola Normal de Natal, Fiscal do Governo no Ateneu Norte-rio-grandense, Deputado Estadual, Promotor Público e Primeiro Juiz Distrital. Além de fundador da Sociedade de Proteção aos Animais, da Sociedade "Nova Cruzada", foi Presidente do Centro Operário, do Circulo de Operários Católicos, do Ateneu Futebol Clube e do Natal Clube. Como jornalista, colaborou em diversos órgãos da imprensa, como "O Dia", "O Potiguar", "A República", "Diário de Notícias", "Jornal da Manhã". No campo da literatura publicou "Dúvida", livro de poesias, em 1915, "Livro Humilde", em 1916 e deixou inédito "Vas Spirituale", de poesias. Escreveu as seguintes peças teatrais:

- "O Sonho", peça em um ato, 1915;
- "Ave Maria", quadro místico, em versos;
- "Máscaras", quadro cênico;
- "Perfeição".

4.1.18 - Maria Carolina Wanderley

Poetisa, professora e dramaturga, nasceu Maria Carolina, na cidade do Açu/RN, aos 04 de janeiro de 1891, filha do Professor Luiz Carlos Lins Wanderley e Maria Amélia Wanderley. Em 1911, diplomou-se pela Escola Normal de Natal, passando a ensinar no Grupo Escolar "Frei Miguelinho", até aposentar-se. Além de fundadora da revista "Via Láctea", pertenceu ao quadro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e publicou, em 1919, "Alma em versos", e, em 1926, "Rimário Infantil", com poesias e peças teatrais. Nas peças teatrais de Carolina, predomina o estilo do diálogo, com estruturas simples, com uma ação singela:

- "Ao espelho", monólogo;
- "Escudo do Rio Grande do Norte", entreato;
- "Escolar", revista;
- "Neste Dia", diálogo;
- "Ardores em Festa", diálogo;
- "Infantis", diálogo;
- "As Cinco Zonas", diálogo;
- "O Chapéu de plúmas", diálogo;
- "A Mentira", diálogo;
- "O Prisioneiro", diálogo;

“19 de Novembro”, diálogo.

4.1.19 - Stela Wanderley Benevides

Stela Wanderley nasceu em Natal/RN, aos 12 dias do mês de junho de 1893, onde faleceu, em 22 de fevereiro de 1983. Era filha do dramaturgo Manoel Segundo Wanderley.

Escreveu constantemente poemas e peças teatrais, destacando-se:

- “No reino das Musas”, fantasia em versos, em um ato, 1920;
- “A Moda na Roça, comédia, em um ato, 1920;
- “O Bailado das Estrelas”, comédia, em um ato, 1920;
- “No Reino das Fadas”, fantasia, em um ato, 1922;
- “As Aventuras de um Pescador”, em um ato;
- “O Testamento de Perpétua”, comédia, em três atos, 1926;
- “Romance na Primavera”, peça infantil, em um ato, 1927;
- “Nos Jardins do Palácio”, 1930;
- “Um Anjo em Apuros”, 1931;
- “O Filho de Deus”, drama sacro, em três atos, 1946;
- “Não atires”, peça infantil, em um ato, 1960;
- “Dia das Mães”, peça infantil, em um ato, 1960;
- “Dia do Professor”, peça infantil, em um ato, 1960;
- “O Pequeno Pescador”, drama, em três atos 1962.
- “Um Sonho”, teatro bailado;

4.1.20 - Sandoval Carlos Wanderley

Poeta, político, jornalista, dramaturgo, nasceu em Açú, aos 27 de setembro de 1893, filho do Professor Luís Carlos Lins Wanderley e de Maria Amélia Wanderley. Exerceu a função de jornalista e fundou vários jornais, como “O Combate”, “A Folha do Povo”, sendo redator dos jornais “A Opinião”, “O Jornal”, dirigido por Café Filho, e Diretor da Imprensa Oficial, no Governo José Varela. Na campo da Literatura, publicou “Farpeadas” e “Abra e Leia”, sátiras em versos. Além da sua investidura no campo da política, publicou “Minha Luta Política”, em 1952. Talvez tenha sido mais atuante no campo das artes cênicas, fundando grêmios teatrais, atuando como ator e diretor e escrevendo dramas, comédias e tragédias, tornando-se um dramaturgo dos mais destacados do Estado:

- “Taberna Azul”, comédia, em três atos, 1939;

“E Assim é a Vida”, alta comédia, em três atos, 1940;
 “Benedito”, comédia, em três atos;
 “Um rapaz Direito”, comédia, em três atos;
 “A Enfermeira”, alta comédia, em três atos;
 “Tempos Modernos”, comédia, em três atos;
 “Isabel”, alta comédia, em três atos;
 “Tudo é mentira”, alta comédia, em três atos;
 “Quinta coluna”, comédia;
 “Ingratidão”, alta comédia, em três atos;
 “A Vida é uma nota falsa”, comédia, em três atos e três quadros;
 “Coronel ao passo”, peça carnavalesca;
 “Sarita”;
 “Bruto”;
 “E Ofende?”;
 “Pare, por favor”;
 “Tinha que acontecer”;
 “A Terra não é de ninguém”;
 “Um corpo caiu na madrugada”, drama;
 “Os culpados”, drama;
 “Beco da Quarentena”, comédia;
 “Julgai-me, Senhores!”, tragédia, em três atos e dois quadros;
 “Natal”, revista, com um prólogo, em dois atos e sete quadros.

4.1.21 - Palmira Wanderley

Palmira nasceu em Natal, no dia 06 de agosto de 1894, onde faleceu, aos 18 dias do mês de novembro de 1978. Como poetisa publicou Roseira Brava e fez representar, no campo da dramaturgia, a sua opereta, com dois atos, a “Festa das Cores”, em 1924.

4.1.22 - Paulo Herôncio de Melo

O Monsenhor Paulo Herôncio nasceu em Natal/RN, a 03 de janeiro de 1901, filho de Hermógenes Herôncio de Melo e Maria das Mercês Herôncio de Melo. Ingressou no Seminário da Paraíba, sendo transferido, posteriormente, para o de Fortaleza e ordenando-se em Natal/RN, no dia 09 de março de 1924. Logo após a ordenação, assumiu as

paróquias da Cidade de Mossoró, de Macau, de São José de Mipibu e de Currais Novos, onde faleceu a 1º de setembro de 1963. Exerceu o cargo de Reitor do Seminário de São Pedro, em Natal e Cônego do Cabido de Aracaju, em 1936, recebendo o título de Monsenhor Camareiro de Honra, em 1939, das mãos do Papa Pio XII, o Protonotário Apostólico, em 1950, pelo Papa João XXIII, o Prelado Doméstico, em 1955. Jornalista, Historiador, Prefeito da Cidade de Macau, entre 1930 e 1931 e sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, no campo da dramaturgia, escreveu as seguintes peças:

- “São Sebastião”, drama, em três atos, 1936;
- “Feminismo Triunfante”, comédia, em um ato, 1936;
- “O Sono da Lagoa do Bom Fim”, revista fantasia, em um ato.

4.1.23 - Santa de Brito Guerra

Nasceu em Brejo do Apodi/RN, hoje Felipe Guerra, no dia 07 de março de 1903 e faleceu em Natal/RN, no dia 20 de agosto de 1988. *“Embora tímida e de extraordinária simplicidade, Santa Guerra completou seus estudos na Escola Superior de Economia Doméstica, ligada à Universidade de Louvain, na Bélgica”*⁶³. Regressando à Cidade do Natal, exerceu o magistério da Língua Francesa, na Escola Doméstica e, posteriormente, a Direção deste Estabelecimento de Ensino, de 1930 a 1935. Escreveu para o teatro, vários sketches:

- “A Pátria de Amanhã”, 1928;
- “O Pai Severo”;
- “A Boa Imprensa”, em um ato;
- “O Menor do meus Irmãos”;
- “Amor de Mãe”, 1938;
- “Uma Visita à Escola Doméstica”, revista, em dois atos,

4.1.24 - José Wanderley

Nasceu em 19 de dezembro de 1905, em Natal/RN e faleceu no Rio de Janeiro. Exerceu vários cargos administrativos no campo do teatro, e integrou-se às delegações brasileiras presentes aos Congressos de Direitos Autorais realizados em Madri, em 1950 e na Suíça, em 1960. É considerado um dos mais prolíferos dramaturgos brasileiros,

⁶³ OTHON. Dramaturgia da Cidade dos Reis Magos, p. 66.

formando com os teatrólogos Daniel Rocha e Mário Lago, as mais famosas parcerias do chamado Teatro de Comédia ou “vaudeville” do Brasil, alcançando renome nacional com as deliciosas comédias:

“Compra-se um marido”, 1933;

“Pertinho do Céu”;

“Tudo por Você”;

“Era uma vez um vagabundo”;

“Hás de ser minha”;

“Cão de Fila”;

“Aconteceu naquela noite”;

“Amanhã é dia de pecar”;

“Cupim”.

4.1.25 - Afonso Ligório Bezerra

Não tivesse a morte seccionado a atividade intelectual de Afonso Bezerra, teria o Rio Grande do Norte conhecido uma de suas maiores inteligências, e a cultura norte-riograndense uma das maiores expressões literárias, nos mais diversos campos do conhecimento. Afonso Bezerra, nascido em Carapeba, Angicos/RN, no dia 09 de junho de 1907, filho de João Batista Alves Bezerra e Maria Monteiro Bezerra, faleceu em Natal, no dia 08 de março de 1930, infelizmente, com apenas vinte e dois anos de idade. Após o estudo das primeiras letras no seu município, ingressou, em 1921, no Colégio Diocesano “Santo Antônio” e depois no Ateneu Norte-riograndense. Em março de 1928, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife/PE, não chegando a concluir o curso, por que regressou a Natal, a fim de tratar-se com o Dr. José Augusto Varela. Foi jornalista, colaborando em jornais como “A Imprensa”, “Diário de Natal”, “Letras Novas”, “A República”, “A Cigarra”, em Natal, e no Recife, em “A Tribuna”, “Jornal do Recife”, “Ilustração”, “Gazeta Acadêmica”, no Rio de Janeiro, em “Excelsior”, “Pelo Brasil”, “O Momento”, entre outros. Escreveu contos, ensaios, crônicas, discursos, conferências, poesias, tornando-se, também, líder católico. Como dramaturgo, escreveu duas peças:

“Consolação”, ensaio trágico, em um ato e três quadros, 1927;

“7 de Setembro”; peça histórica.

4.1.26 - Francisca Nolasco Fernandes

Nascida em 1908 e falecida em Natal, em 1995, a grande educadora Chicuta Nolasco, é autora da obra *Menina Feia e Amarelinha*, publicada em Natal, em 1973 e escreveu, para o teatro, duas revistas:

“As Três Graças”, em um ato, 1935;

“Nosso Brasil”, em dois atos, encenada, posteriormente, em 1942.

4.1.27 - Filgueira Filho

O comediógrafo Filgueira Filho, nasceu em Mossoró/RN, em outubro 1912 e faleceu em Belo Horizonte/MG, em novembro de 1947. Médico, clinicou em Natal e foi jornalista no jornal *A República*. Tornando-se o comediógrafo favorito dos amadores do Conjunto Alma do Norte, no período de 1932 a 1935, “*Filgueira Filho era conhecido por seu espírito brincalhão, e irônico, o que provavelmente, devia refletir-se em seus trabalhos para teatro*”⁶⁴, escrevendo:

“Que loucura, Leonor!”, vaudeville, 1932;

“O Galante Baltazar”, comédia em dois atos, 1933;

“Zezé”, em parceria com Elpídio Câmara, 1936;

“Amor é sempre amor”, comédia, 1940;

“A Mulher de Porcelana”;

“Mucambo”.

4.1.28 - Geraldo Fernandes de Oliveira

O Desembargador Geraldo Fernandes nasceu em Ceará Mirim/RN, aos 19 de novembro de 1915 e faleceu em Natal/RN, aos 09 de dezembro de 1994. Para o teatro, com apenas vinte anos de idade, escreveu uma alta comédia, onde representa as preocupações e o ceticismo dos jovens estudantes no que concerne às desilusões amorosas, denominada “*E a Felicidade?...*”, com apenas um ato, em 1936.

4.1.29 - Joaquim Cipião de Albuquerque Maranhão

Ignorando-se as datas de nascimento e de falecimento de Joaquim Cipião, encontramos a informação de que foi o primeiro diretor do Teatro Carlos Gomes e

⁶⁴ OTHON, Sônia Maria de Oliveira. *Dramaturgia na Cidade dos Reis Magos*. P. 69.

Membro da Orquestra do mesmo Teatro, além de musicar, escreveu e encenou várias peças, dentre as quais destacamos:

- “Canela de Ferro”, revista, 1916;
- “Mundo, Diabo e Carne” comédia, 1917;
- “Jerimum? ... Não há!, 1917;
- “Pronto”.

4.2 - Comentários sobre algumas peças da Dramaturgia Natalense:

A comédia de Luiz Carlos Lins Wanderley, “A Louca ou o Riso da Dor”, foi representada no Teatro São José, na Cidade do Açu e, conseqüentemente, pela Companhia do ator pernambucano Francisco Xavier dos Santos, no Teatro Carlos Gomes, provavelmente, em 1865. “O Prêmio da Viúva” e a cena dramática “O Anjo da Meia Noite”, foram encenadas com grande sucesso, em seu tempo, principalmente, em 1881, quando foi representada por Emílio Getúlio de Oliveira. O cenário no Teatro Santa Cruz, era representado por um cemitério, um portão de ferro ao fundo e ao lado direito um túmulo e em frente deste uma cruz. Suspensa, além da grade, uma nuvem, com fogos-fátuos ao rés do chão. O Visitante, em luto fechado, pálido e desgrenhado abre o portão e permanecendo ali, contar as horas que dá o relógio ao longe. Antes do início do cena, a música já tem começado a tocar:

*Meia noite!... É a hora dos mistérios...
E o arcanjo fugaz dos cemitérios
Se expande em fátua luz.
Que silêncio! Que horror! Tudo deserto,
Somente aqui de mim vejo bem perto
Um túmulo e uma cruz!⁶⁵*

O drama “Amor e Ciúme”, em três atos, formado por vários quadros, é considerado um dos mais populares e típicos de Segundo Wanderley. Foi representado em 19 de agosto de 1900, em um dos armazéns-teatros da Rua Chile e representado pela Companhia Dramática Cardozo da Motta, em 15 de fevereiro de 1906, no Teatro “Carlos Gomes”.

⁶⁵ CASCUDO. Op. cit., p. 211.

Câmara Cascudo considera “Amor e Ciúme” como um dos dramas mais populares e, “compreendendo o valor, a dedicação e o entusiasmo que Segundo Wanderley possuía e encaminhava ao teatro e sentindo a beleza do seu “Amor e Ciúme”, Cardozo da Motta decidiu incluir o texto no seu repertório e estreia-lo em Natal, certo de que não estava, apenas, homenageando a cidade que carinhosamente o acolhera, mas, sobretudo, engrandecendo e fortalecendo a sua Companhia com uma peça bem escrita, bem urdida e dotada de tratamento teatral indiscutível.”⁶⁶.

Isabel de Albuquerque Gondim, escreveu apenas o drama histórico “O Sacrifício do Amor”, publicado no Rio de Janeiro, em 1909, e Joaquim Fagundes, falecido apenas com vinte anos de idade, ficou conhecido, sobretudo, pelos seus dramas “A Mão de Deus”, “Vieira de Castro”, “A Queda de um Anjo” e “A Queda de Susbel”.

Em 15 de agosto de 1907, ocorreu um dos maiores acontecimentos da época, a encenação da primeira revista teatral de costumes locais, “Natal em Camisa”, com músicas de José Borrajo, pela Companhia Germano Alves.

Segundo Wanderley também escreveu as comédias “Noiva em leilão”, “A Pulga”, “Assim rola o mundo de pernas para o ar”, a cena dramática “As Três Datas”, em estilo alegórico, em 1905; os dramas “Alberto ou a glória do artista” e “Entre o céu e a terra”, respectivamente, em homenagem a Alberto Maranhão e a Augusto Severo.

O drama histórico “Brasileiros e Portugueses”, escrito em três atos denominados “Tudo pela Pátria”, “Os dois heróis” e “A Epopéia do Amor”, com ação em Pernambuco, em 1817, foi representado em 11 de setembro de 1897, por um grupo de jovens amadores Joaquim Damasceno, Antônio Marinho Pessoa, Virgílio Benevides, José Mariano Pinto, Nestor Câmara, Francisco Palma, Adolfo Barbosa, Teófilo Marinho e Honório Reis, representando as personagens D. Pedro de Ataíde e Jorge de Ataíde, fidalgos portugueses, D. Leonor de Ataíde, Fernando de Alencar, patriota brasileiro, Roberto Nunes, General Cavalcanti, Coronel Vitorino, José Minhoto, um Sargento Patriota, Um Cabo, dois convivas, dois soldados patriotas, um criado, Soldados realistas e soldados patriotas.

“Papa Jerimum”, revista de críticas e costumes locais, em três atos, da autoria de Ezequiel Wanderley, escrita em 1915, foi encenada pelo Ginásio Dramático do Natal, no Teatro Carlos Gomes, em 14 de abril de 1915, constituindo um dos maiores sucessos do nosso teatro musicado, e “A Mortalha-de Rosas”, episódio trágico dramático, em um ato, foi escrito sob a impressão de um conto da escritora Júlia Lopes e representado no Teatro

⁶⁶ PIRES, Op. cit., p. 45.

Carlos Gomes pela Companhia Lucília Peres e Leopoldo Fróes, na noite de 30 de maio de 1916. A primeira cena se passa

ao abrir da noite, no florido jardim dos Condes dos Roseirais, no Rio de Janeiro”, com as personagens o Conde e a Condessa dos Roseirais, o Comendador Velasques, André, o jardineiro, Antônio, o criado e um Chauffeur, em “um belo jardim, aberto em rosas, na chácara azul do Conde, tendo ao fundo um elegante gradil, ladeando o portão, através do qual vê-se, ao longe, uma igrejinha, feericamente iluminada. Toda a cena recebe a formosa claridade de uma grande lâmpada elétrica. Uma luxuosa escadaria de mármore comunica com o pavimento superior, onde a Condessa, acompanhada a piano e a violino, canta os versos que se seguem, enquanto André, de regador à mão, borriça os lindos canteiros do jardim, e Antônio aparece enlevado pela doce harmonia da música⁶⁷.

Trata da história trágica do um amor infeliz de Rosa, filha natural do Conde dos Roseirais e ex-noiva de André, o jardineiro do Conde, que se entrega antes de casar a um sedutor, ladrão de sua honra, para morrer depois abandonada pelo amante, e seu ex-noivo procura arrancar de seus lábios o juramento de que esquecera para sempre o causador do seu infortúnio.

“Ele..., Elas ... e a Outra ...”, fantasia lírica, em versos, musicada, em um ato, foi representada no Cinema Politeama, pela Companhia Regional do ator cômico Alexandrino Rosas, em 1920 e “Céu Aberto”, revista em parceria com Virgílio Trindade e Jorge Fernandes, com vinte e dois números de música da autoria do maestro Armando Lameira, foi encenada pelo Ginásio Dramático do Natal.

Para Câmara Cascudo, Ezequiel Wanderley era o animado, o jovem, o sacudido, o otimista e estaria em todas as associações literárias, declamando, versejando, escrevendo teatro, prosa, crônica, alacre, transbordante de vida e de esperanças, encenando dramas, comédias revistas, sainetes.

Henrique Castriciano escreveu vários e fez representar, na noite de 10 de julho de 1900, “O Enjeitado”, em um ato,, em um dos armazéns-teatro da rua Chile. Nesse drama Castriciano estuda o motivo de Édipo;

“A Promessa”, peça teatral infantil em um ato, com sete cenas e em versos, para a inauguração do Teatro Carlos, em 24. de março de 1904. No cenário, um terraço de campo. À direita, vê-se um jardim, à esquerda comunica para o interior da casa, por duas portas.

⁶⁷ REVISTA do Centro Polimático do Rio Grande do Norte, pp. 87-88.

Ao fundo vê-se uma igreja de ar modesto e recolhido, no lado estão muitas pessoas do povo ouvindo missa. Ouvem-se repiques de sino. É dia de ano bom As personagens são a Avó, Rosa, a Mendiga Joaquim, Maria, José, a Cega, e um grupo de crianças, com o elenco formado pelas crianças Esponina Wanderley, Alice Nogueira, Áurea Barros, Isolina Avelino, Maria Galvão, Santana Marinho, Palmira Wanderley e Judith Barbosa.

Ferreira Itajubá escreveu apenas a comédia "Um plano de mulher", encenada pela Companhia Lírico-Dramática do ator português J. Paulo, com a talentosa Anita Lopes e a senhora Maria Lopes, em maio de 1907. Sebastião Fernandes de Oliveira escreveu o drama histórico "Frei Miguelinho ou a Revolução de 1817", que foi representado pelo Clube Dramático Familiar, de Mossoró, em 14 de fevereiro de 1903, quando Sebastião Fernandes era Promotor Público daquela Comarca.

Além de fundador do Grêmio Dramático do Natal, Francisco Ivo Cavalcanti foi ator, diretor e escreveu várias peças, em algumas abordando temas psicológicos e sociais. A comédia-drama, "Sônia", em três atos, foi encenada pelo Ginásio Dramático, no Teatro "Carlos Gomes", em 16 de novembro de 1913; "Esses Primos...", comédia em um ato, encenada pelo Ginásio Dramático, em 07 de julho de 1914, com a atriz Margarida Pimentel e os amadores João Leiros, Joaquim Pelinca, João Leite, Orlando Ubirajara e Hermínio Barroca. Reencenada em novembro de 1914, pelo mesmo Ginásio e em outubro de 1915, pela Troupe Royal Teatro, no Teatro Carlos Gomes, enquanto os artistas Manoel Matos e Lima Teixeira, levaram à cena, pelo Ginásio Dramático, em março de 1915, a comédia de costumes, "O Motivo". A sua alta-comédia, "O Flagelo", foi encenada em 15 de agosto de 1915, em festa artística das velhas atrizes Honória Reis e Maria Epifânia, com música da autoria do Professor Joaquim Cipião e Lameira;

"Além...", é um drama social, levado em "première", no Ginásio Dramático, no dia 01 de maio de 1916, com as personagens representadas por J. Cotteia, Luzia Alves, Deolindo Lima, Sandoval Wanderley, Abelardo Bezerra, Aristóteles Costa, Gomes da Silva, Lima Teixeira, Vital Barroca, Ubaldo Bezerra, Agenor Melo, Pedro Odilon e João Leite Cordeiro. No primeiro ato, *"o cenário representa uma taberna. Ao subir o pano vários operários dormem, desordenadamente, demonstrando repousarem depois de grande orgia. A cena se acha deserta, entrando, logo depois Roberto, o taberneiro, que começa a arrumar os copos e garrafas, que se acham em desordem pela sala"*⁶⁸, reencenada no

⁶⁸ REVISTA do Centro Polimático do Rio Grande do Norte, pp. 35-69.

Teatro Santa Isabel, na Cidade do Recife, em 1922, onde teve sua representação proibida, por ter sido considerada subversiva e fundamentada em comentários realistas e, por último "O Degenerado", drama, em três atos, foi encenado no transcurso do Quarto aniversário do Grêmio Dramático, em 03 de maio de 1916, pelos artistas Júlio Galvão, Deolindo Lima, Amaro Andrade, Pretextato Bezerra, Calazans Carneiro, Abelardo Bezerra, Sandoval Wanderley e Regina Costa. Reencenada pelo Grêmio, em outubro de 1917.

Em 1914, Virgílio Galvão Bezerra da Trindade fez encenar pelo encenar pelo Ginásio Dramático, em novembro, revista "O Anti-Cristo", em colaboração com Jorge Fernandes de Oliveira e Ezequiel Wanderley. Além desta revista, escreveu várias peças, dentre as quais podemos destacar "O Ginásio Dramático por dentro", outra revista, musicada pelo maestro Joaquim Cipião e Armando Lameira e encenada na Festa Artística das velhas atrizes Honória Reis e Maria Epifânia, em 1915, pelo Ginásio Dramático; "On plus", revista de costumes locais, em parceria com Jorge Fernandes, encenada pela Companhia Regional, em 29 de dezembro de 1920; A revista "Pé duro", em um ato e vários quadros denominados "Praça 7 de Setembro", "Praça André de Albuquerque", "Praça Augusto Severo", "Praça Padre João Maria", "Praça Dom Pedro II", "Dispensário Sinfrônio Barreto", "Petrópolis", "Tirol", "Rocas", "Lagoa Seca", "Já Teve", "Centro Esportivo Feminino", etc., foi encenada pelo Centro Esportivo Feminino, em outubro de 1936; A revista "Céu Aberto", em parceria com Ezequiel Lins Wanderley e Jorge Fernandes, é composta por vinte e dois números de música da autoria do violinista e maestro paraense Armando Lameira e encenada pelo Ginásio Dramático do Natal; a comédia "Avacalhado", foi encenada pelo Ginásio Dramático, em 1915 e 1916.

O desembargador Jorge Fernandes de Oliveira escreveu várias peças, nos mais variados estilos, da Comédia ao drama; da revistas à peça patriótica, Destacando-se as revistas "O Anti-Cristo", , em colaboração com Virgílio Trindade e Ezequiel Wanderley, encenada pelo Ginásio Dramático, em 22 de novembro de 1914, "Já Teve", "Céu Aberto", em parceria com Virgílio Trindade e Ezequiel Lins Wanderley, com vinte e dois números de música da autoria do violonista e maestro Armando Lameira, encenada e reprisada nos dias 18 e 26 de julho de 1915, pelo Ginásio Dramático do Natal, sendo os papéis mais difíceis confiados a Deolindo Lima e Agenor Melo, "On plus", em parceria com Virgílio Trindade, encenada pela Companhia Regional, em dezembro de 1920. Como comediante, as principais peças foram "O Brabo", encenada pelo Ginásio Dramático, em maio de 1918 e "A Pulga", em colaboração com Virgílio Trindade e Ezequiel Wanderley, encenada pela

Sociedade Dramática Henrique Castriciano, em abril de 1915. Além das peças "Ave-Maria", em um ato, "Manhã de Sol", em colaboração com Virgílio Trindade e Ezequiel Wanderley; e a peça patriótica "De joelhos", em um ato, encenada pelo Centro Estudantil Potiguar, em abril de 1938, escreveu os dramas "Pelas Grades", guignolesco, em um ato, encenado durante a Festa Artística de 06 de maio de 1915, pelos atores Manoel Matos e Armando Lameira; pela Companhia Loira Lombazzi", em julho de 1922 e pelo Ginásio Dramático, em comemoração ao 39º Aniversário da Fundação do Teatro, em março de 1943, "Assim morreu...", escrito em colaboração com Virgílio Trindade e Ezequiel Wanderley e "A Mentirosa", em um ato, encenado também pelo Ginásio Dramático, em março de 1916.

Ponciano de Moraes Barbosa, além de "O Sonho", peça em um ato, musicada pelo maestro Joaquim Cipião e o Professor Lameira. Foi encenada pelos artistas Aristóteles Costa e João Estevam, do Ginásio Dramático, em 15 de agosto de 1915 e reprisada, no mesmo mês, durante a Festa Artística das velhas atrizes Maria Epifânia e Honória Reis, escreveu "Ave Maria", um quadro místico, em versos, "Máscaras", um quadro cênico e a peça "Perfeição".

Se "Os Cajuís do Papai", de Ezequiel Wanderley, é considerado o primeiro diálogo na História do Teatro na Cidade do Natal, um diálogo infantil em versos, temos com Maria Carolina Wanderley, a predominância do estilo. Embora com estruturas simples e ação singela, destacam-se, dentre outros, "Neste Dia", "Ardores em Festa", "Infantis", "As cinco zonas", "O Chapéu de plumas", "A Mentira", "O Prisioneiro", "19 de Novembro", o monólogo "Ao espelho", o entreato "Escudo do Rio Grande do Norte" e a "Revista Escolar", encenada, no Teatro "Alberto Maranhão", pelos alunos do Grupo Escolar Frei Miguelinho.

Sandoval Wanderley talvez tenha sido mais atuante no campo das artes cênicas, do que como poeta, pois viveu fundando grêmios teatrais, atuando como ator e diretor e escrevendo dramas, comédias e tragédias, tornando-se um dramaturgo dos mais destacados do Estado.

Todas as outras peças de Sandoval Wanderley foram levadas à cena a partir de 1940, como "E Assim é a Vida", alta comédia, em três atos, "Benedito", comédia, em três atos, "Um rapaz Direito", comédia em três atos, "A Enfermeira", alta comédia, em três atos, "Tempos Modernos", comédia, em três atos, "Isabel", alta comédia em três atos, "Tudo é mentira", alta comédia em três atos, "Quinta coluna", comédia, "Ingratidão", alta

comédia em três atos, "A Vida é uma nota falsa", comédia em três atos e três quadros, "Coronel ao passo", peça carnavalesca, "Sarita", "Bruto", "E Ofende?", "Pare, por favor", "Tinha que acontecer", "A Terra não é de ninguém", "Um corpo caiu na madrugada", drama, "Os culpados", drama, "Beco da Quarentena", comédia e "Julgai-me, Senhores!", tragédia, em três atos e dois quadros. Escreveu e musicou as revistas "Natal", com um prólogo, em dois atos e sete quadros denominados ,Fantasia Natal, Praça Gentil Ferreira, Praça 7 de setembro, Praça Augusto Severo, Rua Dr. Barata, Avenida Tavares de Lira, Rádio Educadora do Natal, com cenários representando a Serra do Cabugi, "Brasil", revista dividida em dois atos, dezesseis números de músicas e os doze quadros denominados Europa em Guerra, Cântico dos Pássaros, Brasil, Cidade do Natal, Formosa Síria, Café São Luiz, Fábrica Vigilante, Grande Hotel, Serenata, Cidade Maravilhosa, Estado Velho, Estado Novo - Apoteose, e "Quem te viu e quem te vê...", de costumes locais, em dois atos, quatorze números de música e oito quadros denominados Teatro Carlos Gomes, Praça Pio X, Sorveteria Polar, Governador da Cidade, Forte dos Reis Magos, Potengi, Legião Brasileira de Assistência, Apoteose Final.

A comédia "Taberna Azul", em três atos, mereceu várias encenações. Em maio de 1939, foi encenada pelo Grêmio Dramático de Natal e a partir da década de 40, levaram-na à cena, na festa da comemoração do 37º Aniversário da Fundação do Teatro Carlos Gomes, durante o Festival de Arte, a 24 de março de 1941 e pelo Grupo Teatral Potiguar, em dezembro de 1943, na tragédia "Julgai-me, Senhores!", em três atos e dois quadros, a cena tem início na platéia, com o Homem desesperado procurando a Mulher que o abandonou. Ela se encontra acompanhada pelo Velho, o seu pai e causador de todo o incidente da tragédia. Depois de percorrer, com um "flasch" aceso, todas as frisas, todos os camarotes e algumas poltronas, depara-se com a Mulher, na primeira fila, em meio à assistência, que, nervosa, solta um grito de desespero. O Enredo da tragédia resume-se a um Velho falido, que usa a sua filha, casada, como objeto sexual, com um aviador, em troca de um empréstimo. A mulher abandona o lar, o aviador morre em um desastre e o esposo traído procura uma governante para a filha, criança abandonada pela mãe. O Homem busca a Mulher traidora e o Velho e a Mulher, se suicidam-se, ele por considerar-se o causador de toda a tragédia, ela por ter se tornada adúltera e não ter recebido o perdão do marido. A Governanta apaixonou-se pelo Homem traído, que junto com a Governanta e a criança abandonam a casa em busca de felicidade e para que a Criança não venha a saber do destino trágico dos seus pais.

O Monsenhor Paulo Herôncio de Melo, escreveu um drama, uma fantasia e uma revista fantasia, respectivamente, "São Sebastião", em três atos, encenado durante o Festival em benefício do Congresso Eucarístico Paroquial de São José de Mipibu/RN, no dia 03 de novembro de 1936, no Teatro Carlos Gomes, "Feminismo Triunfante", em um ato, também encenado durante o Festival em benefício do Congresso Eucarístico Paroquial de São José de Mipibu e "O Sono da Lagoa do Bom Fim", em um ato.

Afonso Ligório Bezerra, considerado um dos gênios da cultura norte-rio-grandense, apesar de ter falecido com apenas vinte e dois anos de idade, escreveu duas peças, o ensaio trágico "Consolação", em um ato e três quadros, em colaboração com Nilo Pereira que foi representado no Colégio Santo Antônio, em Natal, no dia 1º de outubro de 1927 e a peça histórica "7 de Setembro", publicada no livro "Ensaaios, Contos e Crônicas".

No ensaio "Consolação", Afonso Ligório, inspirado no sentimento religioso, procura, na visão de Manoel Rodrigues de Melo, "*trasladar para a ribalta os fatos do Cristianismo*".

O mais conhecido nacionalmente de todos os nossos dramaturgos, José Wanderley, formou com os teatrólogos Daniel Rocha e Mário Lago, as mais famosas parcerias do chamado Teatro de Comédia ou "vaudeville" do Brasil, alcançando renome nacional com as deliciosas comédias, como "Compra-se um marido", adaptada para o cinema sob o título "Maridinho de luxo", "Pertinho do Céu", "Era uma vez um vagabundo", "Hás de ser minha", "Aconteceu naquela noite", "Amanhã é dia de pecar", "Cupim".

Tanto no campo da dramaturgia norte-rio-grandense, quando no da música, destaca-se Joaquim Cipião de Albuquerque Maranhão, primeiro Diretor do Teatro Carlos Gomes, Spalla da Orquestra do Teatro e autor do texto e música da revista "Canela de Ferro", encenada no Teatro Carlos Gomes, no dia 26 de fevereiro 1916, comédia "Mundo, Diabo e Carne", "Jerimum? ... Não há!" e "Pronto".

Estas duas peças, intercaladas com músicas, foram encenadas pelo Ginásio Dramático, no teatro Carlos Gomes, no dia 11 de fevereiro de 1917 e reprisadas, juntamente com "Pronto", em benefício da atriz Joana Pereira, no dia 16.

CONCLUSÃO

No campo teatral, o Rio Grande do Norte teve em Joaquim Eduvirges de Melo Açucena, nascido em Natal, aos 17 de outubro de 1827 e falecido em 28 de março de 1907, um dos seus primeiros atores, representando em 1855 o papel do Capital "Lourival", filho do Coronel Facoll, da peça "O Desertor Francês", cuja atuação valeu-lhe o sobrenome da personagem e como o primeiro dramaturgo, o médico, poeta Luiz Carlos Lins Wanderley (1831 - 1890). Nascido em pleno Romantismo é considerado uma das maiores figuras literárias do século XIX, com os dramas "A Restituição", "Os Anjos do Amor", drama, em cinco atos, truculentos e ruidosamente românticos, com duração de horas e horas de representação, encenado em 1884. "Amor de um Anjo", as comédias "A Louca ou o Riso da Dor", de 1865, representada no Teatro São José, em Açu e pela Companhia do ator pernambucano Francisco Xavier dos Santos, no Teatro Carlos Gomes, provavelmente, em 1865; "O Prêmio da Viúva" e a cena dramática "O Anjo da Meia Noite", encenadas com grande sucesso, em seu tempo. Estes são os primeiros norte-rio-grandenses a marcarem presença no movimento teatral da Cidade do Natal.

Com relação aos autores que tratam do movimento teatral, Câmaras Cascudo, coleta informações, tanto em livros e papéis já deteriorados pelo tempo, quanto "arranca" informações de pessoas que, no início deste século, preocupavam-se com a vida teatral. Meira Pires, ordena as informações publicadas nos vários jornais, sobretudo com relação ao Teatro Carlos Gomes, a partir de 1904 e Sônia Othon, sob a sua ótica, passa Cascudo a limpo, à maneira de Cascudo, sem a preocupação de afirmar a principal das fontes, a base da pesquisa.

Uma outra característica da Dramaturgia no Estado do Rio Grande do Norte, é a falta de documentação original, quando poucas peças foram publicadas, outras se encontram deterioradas, e tantas outras de difícil acesso, ou completamente perdidas.

No acervo da História do Teatro da Cidade do Natal, embora pouco restrito a certos moldes classicistas, como também aos diversos temas, as tendências e os estilos são muito variados. Ivo Cavalcanti pode ser considerado o maior realista, com as peças "O Além" e "Degenerados", retratando o homem e a sociedade em seus verdadeiros aspectos, enquanto

Ezequiel Wanderley, o mais representativo naturalista dramático do Teatro no Rio Grande do Norte.

Com “Um século de contribuições para a História do Teatro na Cidade do Natal: 1840-1940”, tentamos ordenar dados referentes aos “teatros”, casas de espetáculos, a partir de 1840, às figuras que contribuíram para tais construções, preocupações de dotar a Cidade do Natal de um espaço para a apresentação, de atores amadoristas e, sobretudo, a encenação de dramas e comédias.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, José Geraldo. Henrique Castriçano. Seleta: textos e poesias. Vol. II. Natal: RN-Econômico, 1994. 209p.
- CASCUDO, Luís da Câmara. História da Cidade do Natal. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Natal: UFRN, 1980. 470p.
- _____. História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Imprensa, 1955. 524p.
- _____. O Livro das Velhas Figuras (Pesquisas e Lembranças na História do Rio Grande do Norte. V. 2. Natal: Manimbu, 1974. 156p.
- _____. Uma História da Assembléia Legislativa no Rio Grande do Norte: Conclusões, Pesquisas e Documentário. Natal: Fundação José Augusto, 1972. 490p.
- FONSECA FILHO, Ezequiel. Poetas e Boêmios do Açu. Natal: Clima, 1984. 281. Coleção Edições Clima, 30.
- LYRA, Augusto Tavares de. História do Rio Grande do Norte. 3ª edição. Natal: IHGRN; Nordeste, 1998. 434p.
- MARINHO, Francisco Fernandes. A Dramaturgia Norte-rio-grandense. [Monografia inédita]. Natal: [s.n.], 1982. 30p.
- NOBRE, Manuel Ferreira. Breve Notícia sobre a Província do Rio Grande do Norte baseada nas Leis, informações e fatos consignados na História Antiga e Moderna. 2ª edição. Rio de Janeiro: Pongetti, 1972. 242p.

OTHON, Sônia Maria de Oliveira. Dramaturgia da Cidade dos Reis Magos. Natal: EDUFRN, 1998, 91p. Il.

PIRES, Meira. História do Teatro Alberto Maranhão (1904 - 05.03.1952). Natal: Fundação José Augusto, 1980. 512p.

REVISTA do Centro Polimático do Rio Grande do Norte, 1(3), nov. 1920. Natal: Augusto Leite, [1920]. 118p.

_____. [Fac-símile: nº 5, ago., 1921]. Mossoró: ESAM, 1991. 95p. Coleção Mossoroense: Série "C", Vol. CDLXIII.

WANDERLEY, Manoel Segundo. Brasileiros e Portugueses [Drama em 3 atos]: Época - 1817. Ação - Pernambuco. Rio de Janeiro: Editora do Livro, 1968. 80p.

WANDERLEY, Sandoval. Julgai-me, Senhores! Tragédia, em 03 atos e 02 quadros. Rio de Janeiro: S.N.T./MEC, 1967. 62p.

ANEXO I

Quadro referente à Dramaturgia da Cidade do Natal

Ord.	Título	Estilo	Ano	Autor
001	A Boa Imprensa	Sketch	-	Santa Guerra
002	A Ceguinha da Aldeia	Cena Dramática	-	Ezequiel Wanderley
003	A Doentinha	Sainete	1922	Ezequiel Wanderley
004	A Enfermeira	Alta comédia	-	Sandoval Wanderley
005	A Espera do Bonde	Revista	-	Virgílio Trindade
006	A Infâmia	Drama	-	Ivo Cavalcanti
007	A Louca da Montanha	Drama	1896	Segundo Wanderley
008	A Louca ou o riso da dor	Drama	1865	Luiz C. Lins Wanderley
009	A Mãe	-	1897	Henrique Castriano
010	A Mão de Deus	Drama	-	Joaquim Fagundes
011	A Melindrosa e o Almofadinha	Farsa cômica	-	Segundo Wanderley
012	A Mentira	Diálogo	-	Carolina Wanderley
013	A Mentirosa	Drama	1916	Jorge Fernandes
014	A Moda na Roça	Comédia	1920	Stela Wanderley
015	A Mortalha de Rosas	Episódio trágico	1916	Ezequiel Wanderley
016	A Mulher de Porcelana	-	-	Filgueira Filho
017	A Pátria de Amanhã	Sketch	1928	Santa Guerra
018	A Pulga	Comédia	-	Segundo Wanderley e all.
019	A Promessa	Peça infantil	1904	Henrique Castriaiano
020	A Providência	Drama	1904	Segundo Wanderley
021	A Queda de um Anjo	Drama	-	Joaquim Fagundes
022	A Queda de Lusbel	Drama	-	Luiz C. Lins Wanderley
023	A Queda de Susbel	Drama	-	Joaquim Fagundes
024	A Rainha do Bosque	Revista Fantasia	-	Segundo Wanderley
025	A República dos Bichos	Fantasia dramática	-	Segundo Wanderley
026	A Restituição	-	-	Luiz C. Lins Wanderley
027	A Terra Azul do Sonho	Comédia.	-	Segundo Wanderley
028	A Terra não é de ninguém	-	-	Sandoval Wanderley
029	A Tia Quitéria	Comédia	1910	Ezequiel Wanderley
030	A Vida é uma nota falsa	Comédia	-	Sandoval Wanderley
031	Aconteceu naquela Noite	-	-	José Wanderley
032	Alberto ou a glória do artista	Drama	-	Segundo Wanderley
033	Além ...	Drama social	1916	Ivo Cavalcanti
034	Aliados do Pan	Revista	-	José Rodrigues Filho
035	Amanhã é dia de pecar	-	-	José Wanderley
036	Amor de Mãe	Sketch	1938	Santa Guerra
037	Amor e Ciúme	Drama	1900	Segundo Wanderley
038	Amor é sempre amor	Comédia	1940	Filgueira Filho
039	Ao espelho	Monólogo	-	Carolina Wanderley
040	Ardores em Festa	Diálogo	-	Carolina Wanderley
041	As Aventuras de um Pescador	-	-	Stela Wanderley
042	As Cinco Zonas	Diálogo	-	Carolina Wanderley
043	As Três Datas	Cena dramática	1904	Segundo Wanderley
044	As Três Graças	Revista	1935	Chicuta Nolasco
045	Assim morreu...	Drama	-	Jorge Fernandes
046	Assim rola o mundo de pernas...	Comédia	-	Segundo Wanderley
047	Augusto Severo	Fantasia	-	Nestor Lima
048	Avacalhado	Comédia	1915	Virgílio Trindade

049	Ave-Maria	-	-	Jorge Fernandes
050	Ave Maria	Quadro místico	-	Ponciano Barbosa
051	Beco da Quarentena	Comédia	-	Sandoval Wanderley
052	Benedito	Comédia	-	Sandoval Wanderley
053	Brasileiros e Portugueses	Drama	1897	Segundo Wanderley
054	Bruto	-	-	Sandoval Wanderley
055	Canela de Ferro	Revista	1917	Joaquim Cipião
056	Cão de Fila	-	-	José Wanderley
057	Céu Aberto	Revista	1915	Segundo Wanderley e et.
058	Compra-se um marido	-	1933	José Wanderley
059	Consolação	Ensaio Trágico	1927	Afonso Bezerra
060	Coronel ao passo	Peça carnavalesca	-	Sandoval Wanderley
061	Cupim	-	-	José Wanderley
062	De joelhos	Peça patriótica	1938	Jorge Fernandes
063	Desesperada	Tragi-comédia	-	Jorge Fernandes
064	Dezenove de Novembro	Diálogo	-	Carolina Wanderley
065	Dia das Mães	Peça infantil	1960	Stela Wanderley
066	Dia do Professor	Peça infantil	1960	Stela Wanderley
068	E a Felicidade?...	-	1936	Geraldo Fernandes
069	E Assim é a Vida	Alta comédia	1940	Sandoval Wanderley
070	É Bom que dói	Revista	1924	Ezequiel Wanderley
071	E Ofende?	-	-	Sandoval Wanderley
072	Ele..., Elas ... e a Outra ...	Fantasia lírica	1920	Ezequiel Wanderley
073	Em Apuros...	Comédia	1916	Ivo Cavalcanti
074	Entre o céu e a terra	Drama	1902	Segundo Wanderley
075	Era uma vez um vagabun	-	-	José Wanderley
076	Escolar	Revista	-	Carolina Wanderley
077	Escudo do Rio Grande do Norte	Entreato	-	Carolina Wanderley
078	Esses Primos ...	Comédia	1914	Ivo Cavalcanti
079	Feminismo Triunfante	Comédia	1936	Paulo Heróncio
080	Festa das Cores	-	1924	Palmira Wanderley
081	Flor do Baile	-	-	Ezequiel Wanderley
082	Floral	Fantasia infantil	-	Nestor Lima
083	Frei Miguelinho ou a Revol. ...	Drama histórico	1903	Sebastião Fernandes
084	Hás de ser minha	-	-	José Wanderley
085	Infantis	Diálogo	-	Carolina Wanderley
086	Ingratidão	Alta comédia	-	Sandoval Wanderley
087	Inovidável	Comédia	-	Ivo Cavalcanti
088	Isabel	Alta comédia	-	Sandoval Wanderley
089	Já Teve	Revista	-	Jorge Fernandes
090	Jappe-Culotte	Comédia	1915	Jorge Fernandes
091	Jerimum? ... Não há!	-	1917	Joaquim Cipião
092	Julgai-me, Senhores!	Tragédia	-	Sandoval Wanderley
093	Manhã de Sol	-	-	Jorge Fernandes
094	Máscaras	Quadro cênico	-	Ponciano Barbosa
095	Mucambo	-	-	Filgueira Filho
096	Mundo, Diabo e Carne	Comédia	1917	Joaquim Cipião
097	Não atires	Peça infantil	1960	Stela Wanderley
098	Natal	Revista	-	Sandoval Wanderley
099	Natal em Camisa	Revista de costumes	1906	Segundo Wanderley
100	Neste Dia	Diálogo	-	Carolina Wanderley
101	No Reino das Fadas	Fantasia	1922	Stela Wanderley
102	No Reino das Musas	Fantasia	1920	Stela Wanderley
103	Noiva em leilão	Comédia	1907	Segundo Wanderley
104	Nos Jardins do Palácio	-	1930	Stela Wanderley

105	Nosso Brasil	Revista	1942	Chicuta Nolasco
106	O Amor de um Anjo	-	-	Luiz C. Lins Wanderley
107	O Aniversário	Revista	-	Jorge Fernandes
108	O Anjo da meia noite	Recital cênico	1881	Luiz C. Lins Wanderley
109	O Anti-Cristo	Revista	1914	Virgílio Trindade et all.
110	O Bailado das Estrelas	Comédia	1920	Stela Wanderley
111	O Brabo	Comédia	1918	Jorge Fernandes
112	O Chapéu de plumas	Diálogo	-	Carolina Wanderley
113	O Degenerado	Drama	1916	Ivo Cavalcanti
114	O Enjeitado	Drama	1900	Henrique Castriciano
115	O Filho de Deus	Drama sacro	1946	Stela Wanderley
116	O Flagelo	Alta-comédia	1915	Ivo Cavalcanti
117	O Galante Baltazar	Comédia	1933	Filgueira Filho
118	O Ginásio por Dentro	Revista	1915	Virgílio Trindade
119	O Homem que sobrou	Revista	-	Virgílio Trindade
120	O Jovem	Comédia	1917	Ivo Cavalcanti
121	O Menor do meus Irmãos	Sketch	-	Santa Guerra
122	O Motivo	Comédia de costumes	1915	Ivo Cavalcanti
123	O Pai Severo	Sketch	-	Santa Guerra
124	O Pequeno Pescador	Drama	1962	Stela Wanderley
125	O Prêmio da viúva	Comédia	-	Luiz C. Lins Wanderley
126	O Prisioneiro	Diálogo	-	Carolina Wanderley
127	O Sacrifício do Amor	Drama	1909	Isabel Gondim
128	O Sonho	-	1915	Ponciano Barbosa
129	O Sono da Lagoa do Bom Fim	Revista fantasia	-	Paulo Herôncio
130	O Testamento de Perpétua	Comédia	1926	Stela Wanderley
131	On Plus	Revista de costumes	1920	Virgílio Trindade et all.
132	Os Anjos do amor	Drama	1884	Luiz C. Lins Wanderley
133	Os Anjos do Claustro	Drama Infantil	-	Segundo Wanderley
134	Os Cajus do Papai	Diálogo Infantil	-	Ezequiel Wanderley
135	Os Culpados	Drama	-	Sandoval Wanderley
136	Os Dramas da Seca	Fantasia	-	Segundo Wanderley
137	Papa Jerimum	Revista de costumes	1915	Ezequiel Wanderley
138	Pare, por favor	-	-	Sandoval Wanderley
139	Pé Duro	Revista	1936	Virgílio Trindade
140	Pelas Grades	Drama	1915	Jorge Fernandes
141	Perfeição	-	-	Ponciano Barbosa
142	Pertinho do Céu	-	-	José Wanderley
143	Pronto	-	-	Joaquim Cipião
144	Qual o mais forte?	Comédia	1928	Antônio José de Melo
145	Que loucura, Leonor!	Vaudeville	1932	Filgueira Filho
146	Quinta coluna	Comédia	-	Sandoval Wanderley
147	Reino das Fitas	Revista	1916	Deolindo F. S. S. Lima
148	Renúncia	Drama	1940	Ivo Cavalcanti
149	Romance na Primavera	Peça infantil	1927	Stela Wanderley
150	Romeu e Julieta	-	-	Ezequiel Wanderley
151	São Sebastião	Drama	1936	Paulo Herôncio
152	Sarita	-	-	Sandoval Wanderley
153	Sete de Setembro	Peça Histórica	-	Afonso Bezerra
154	Simbolismo na Nossa Bandeira	Cena cívica	-	Nestor Lima
155	Sônia	Drama-comédia	1913	Ivo Cavalcanti
156	Sopa no mel	Comédia	1916	Ivo Cavalcanti
157	Suprema dor	Cena dramática	1899	Henrique Castriciano
158	Taberna Azul	Comédia	1939	Sandoval Wanderley
159	Tempos Modernos	Comédia	-	Sandoval Wanderley

160	Tinha que acontecer	-	-	Sandoval Wanderley
161	Tipos da Terra	Revista	-	Virgílio Trindade
162	Tudo é mentira	Alta comédia	-	Sandoval Wanderley
163	Tudo por Você	-	-	José Wanderley
164	Um Anjo em Apuros	-	1931	Stela Wanderley
165	Um chá complicado	Comédia	1916	Ivo Cavalcanti
166	Um corpo caiu na madrugada	Drama	-	Sandoval Wanderley
167	Um Plano de Mulher	Comédia	1907	Ferreira Itajubá
168	Um rapaz Direito	Comédia	-	Sandoval Wanderley
169	Um Sonho	Teatro bailado	-	Stela Wanderley
170	Uma Visita à Escola Doméstica	Revista	-	Santa Guerra
171	Vieira de Castro	Drama	-	Joaquim Fagundes
172	Zezé	-	1936	Filgueira Filho et all.

Rua Juscelino de Inhamerim



Foto H-24 Autor — 1979

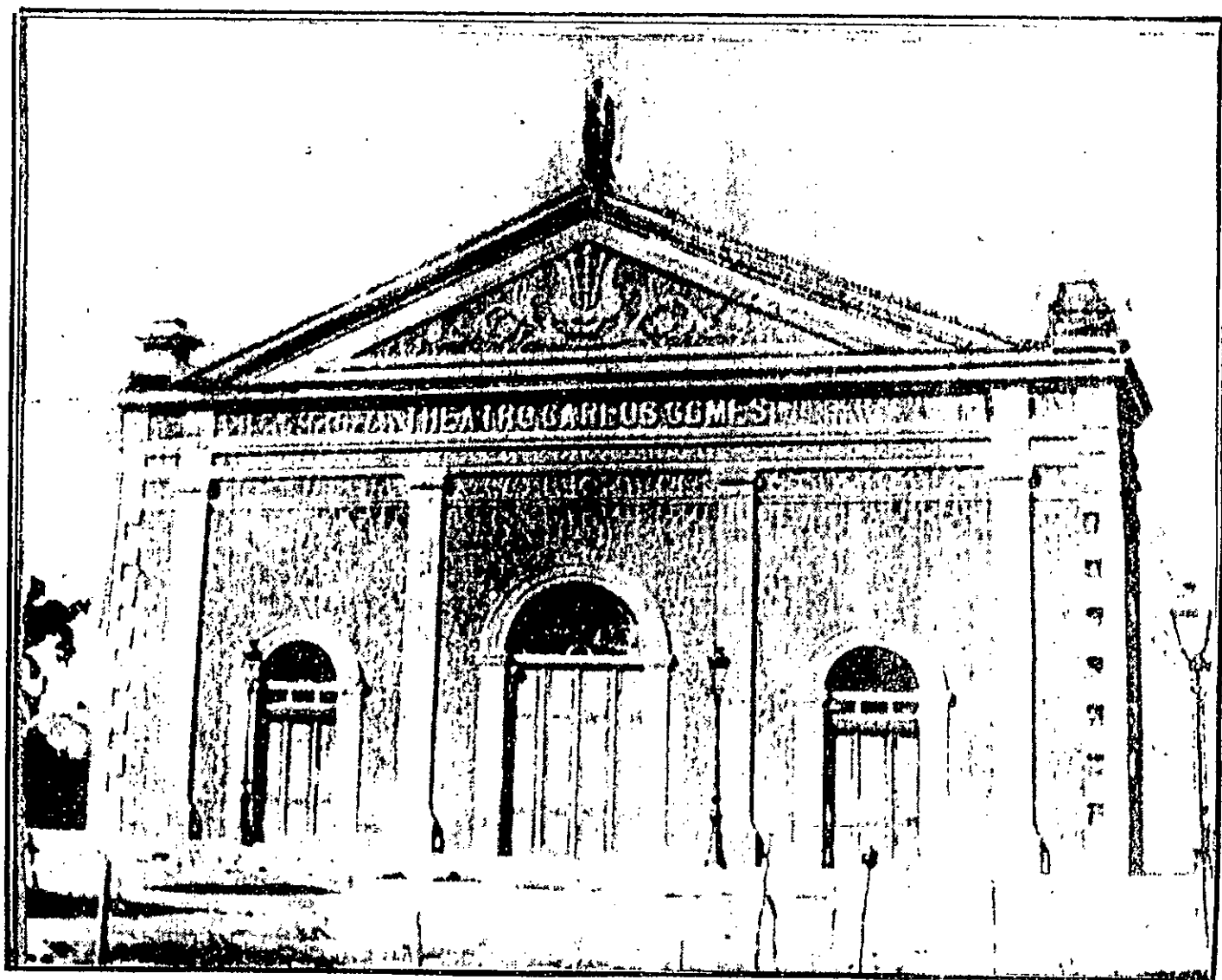
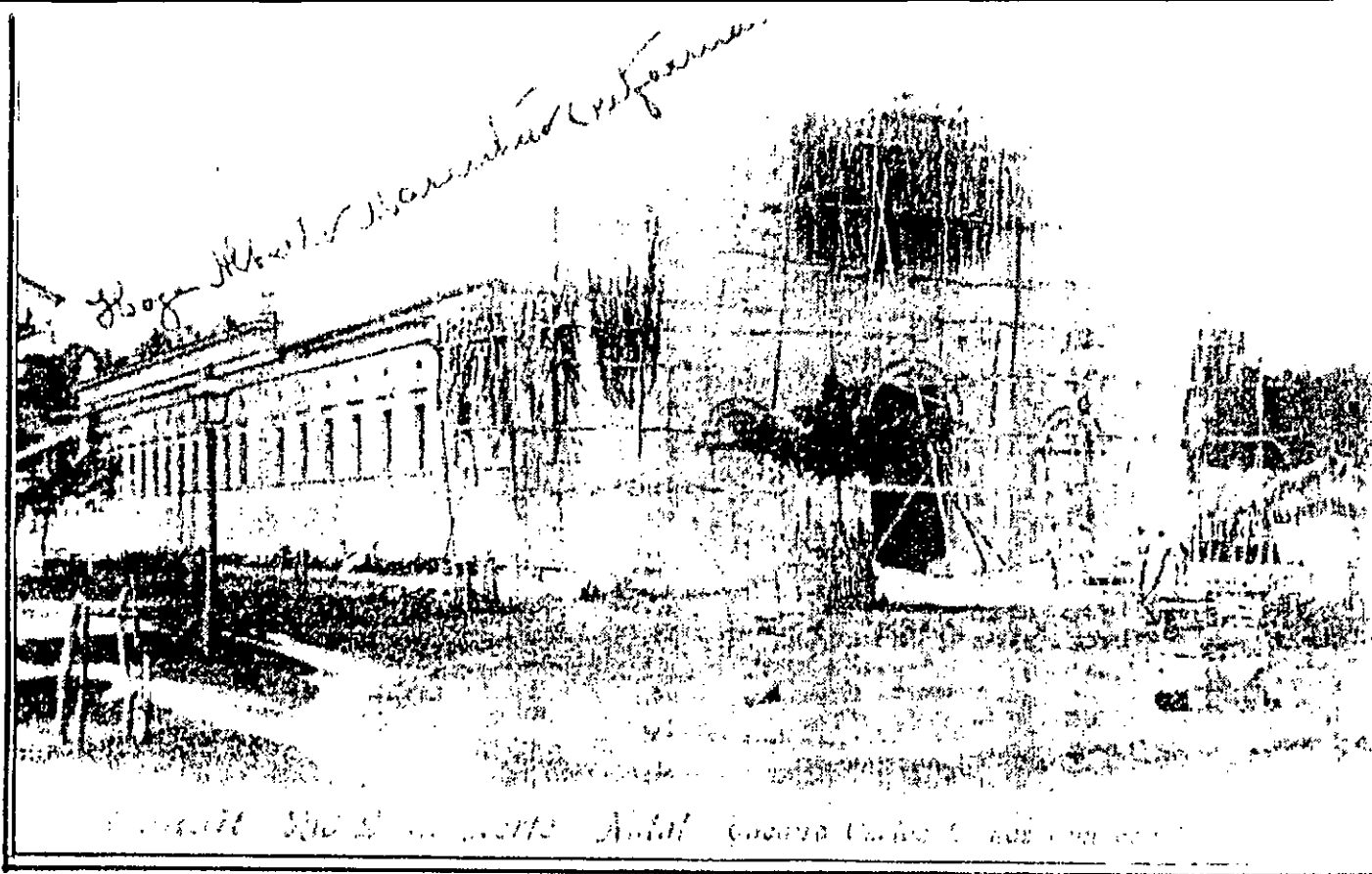
Hoje, ali se encontra o Cinema Nordeste.

hoje João Pessoa



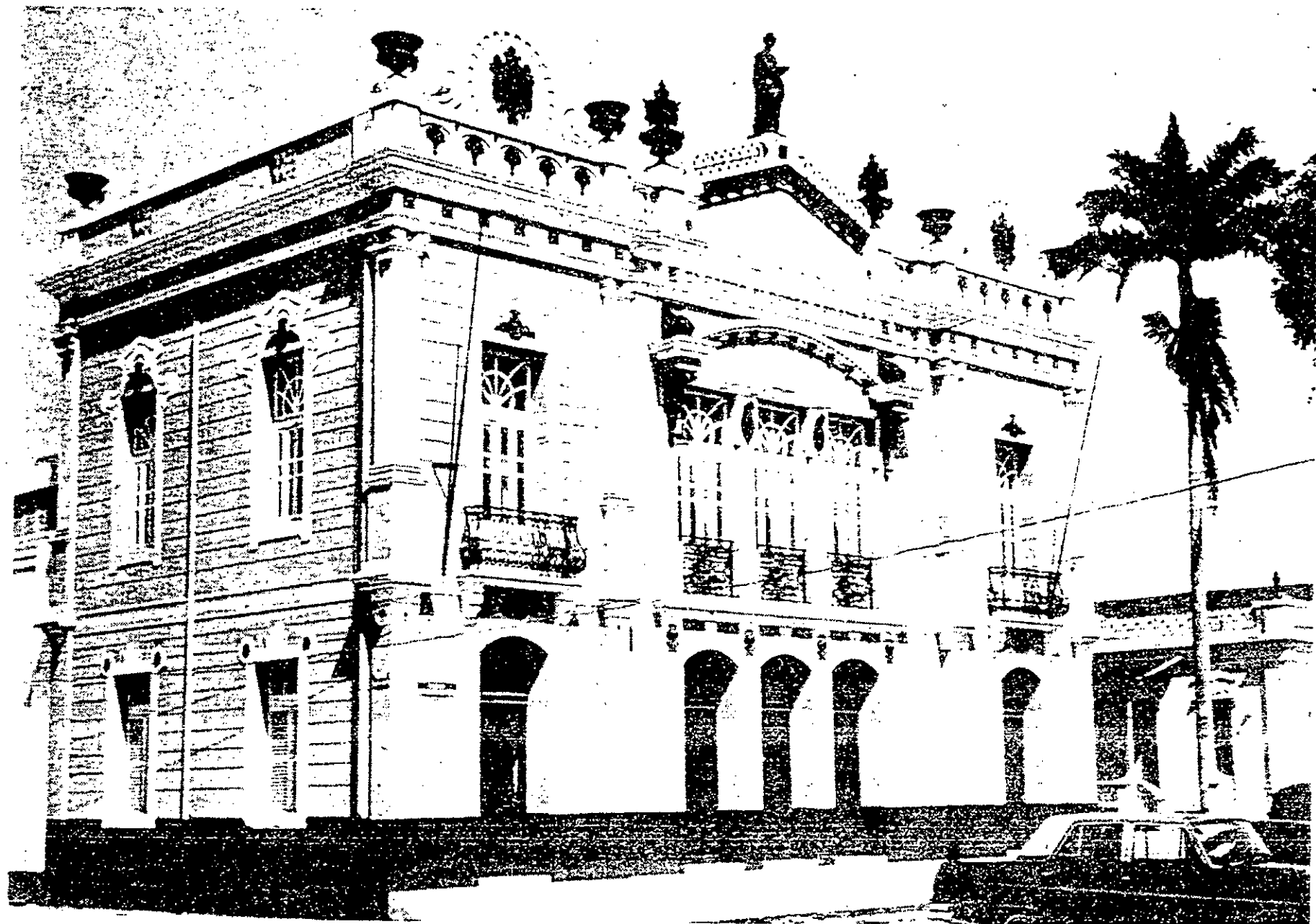
Foto H-24a Cartão Postal

Esta foto registra o painel de Aguinaldo Muniz que existiu na fachada do Cine Nordeste quando foi construído na década de 50.



O Teatro em final de construção e no seu estilo primitivo

(1904/1910)



O Teatro no seu estilo definitivo. As obras foram iniciadas em 1910, concluídas e inauguradas em 1912.



*Há 90 anos esse palco é uma fonte permanente de talento, cultura e beleza.
Da ópera à cantoria de viola, das danças populares aos pés de Ana Botafogo,
los carnavais de outrora às encenações mais sofisticadas, de Sófocles a Meira Pires,*

*de Shakespeare a Sandoval Wanderley, a todo instante alimentando
a alma e elevando o espírito do natalense.*